

REVISTA ADVENTISTA

Órgão Oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Setembro de 1996



Deus

Deseja Habitar



Connosco

SEMANA DE ORAÇÃO

Deus Deseja Habitar Connosco

Uma mensagem dos Oficiais da Associação Geral

Leo Ranzolin*

Quando Deus criou Adão e Eva, colocou-os num jardim. Era esse o seu lar. Eles tomavam conta das flores, dos animais, e um do outro. Era, de facto, o Paraíso! Os nossos primeiros pais tinham a presença de Deus no seu lar, e a felicidade era uma realidade. Contudo, quando o pecado maculou o mundo, os nossos pais tiveram de ser afastados do seu primeiro lar. Agora necessitavam de abrigo. Necessitavam de um tecto sobre as suas cabeças, de construir uma casa ou uma tenda que os protegesse das inclemências do tempo.

Tal como no princípio, Deus deseja habitar connosco. Proteger-nos. Cuidar de nós. Viver connosco e fazer-nos felizes. O salmista diz que Deus habita nos céus. (Salmo 123:1). A maravilhosa verdade é que este poderoso Deus deseja estar na nossa companhia. Em xodo 25:8, Deus afirma: "E me farão um santuário, e habitarei no meio deles."

O termo "santuário" vem da palavra Hebraica "*qodesh*", que significa santo, colocado à parte,

separado para um propósito santo ou sagrado. É um termo maravilhoso e, neste contexto, aponta para Deus a viver entre o Seu povo para cuidar das suas necessidades. Através do santuário, Deus encontrava-se e comunicava com o Seu povo.

A mensagem do antigo santuário, além disso, era que um Deus santo necessitava de escolher um povo especial, um povo que seria diferente das restantes nações, um povo dedicado a Deus, um povo do pacto, através de quem a vontade e as bênçãos de Deus poderiam ser canalizadas para o mundo.

Paulo afirma que nós somos o templo do Espírito Santo (1 Cor.3:16). O Senhor quer viver dentro de nós. Quando o tabernáculo/santuário do deserto ficou terminado, "a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do Senhor encheu o tabernáculo" (Ex.40:34).

Da mesma forma, hoje, a glória do Senhor pode encher as nossas vidas. Deus pretende que estejamos separados do mundo. Ele

quer que vivamos como povo redimido pelo sangue do Cordeiro. Quer que partilhemos diariamente do pão da vida. Deseja que estejamos em constante comunhão com Ele, e que as nossas orações ascendam, como incenso, ao trono da graça. Deseja que tenhamos o óleo do Espírito a fluir nas nossas vidas, nos nossos lares e nas nossas igrejas! Deus deseja que experimentemos a água purificadora da Sua graça, mantendo constantemente diante das nossas mentes a necessidade do Cordeiro de Deus, sacrificado pelos nossos pecados - Jesus Cristo, o nosso Salvador! Ao estudarmos as preciosas lições desta semana de oração e reavivamento, lembremos mais uma vez que o santuário é o modelo de um Deus que pretende habitar com o Seu povo e no interior de cada coração, para nos preparar para o Seu reino.

*Leo Ranzolin é vice presidente da Associação Geral

REVISTA
ADVENTISTA

ANO LVI — Nº 592
SETEMBRO DE 1996

PUBLICAÇÃO MENSAL

Órgão Informativo da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal.

DIRECTOR: J. Dias

CORPO DE REDACÇÃO: J. Dias,
Maria Augusta Lopes, Ezequiel Quintino

PROGRAMAÇÃO VISUAL:
Elízer C. Militão

PROPRIETÁRIA E EDITORA:
Publicadora Atlântico, S.A.

REDACÇÃO:
Rua Carlos Amaro de Matos, 18
Venda Nova - 2700 - Amadora
Tel.: (01) 474 2610

ADMINISTRAÇÃO:

Rua Salvador Allende, Lt. 18
2686 Sacavém Codex
Tel.: (01) 941 0844

Serviço de Assinaturas:

R. Alexandre Braga, 16 - R/C Dlo
1100 - Lisboa
Tel.: 3524687 FAX: 573936

PREÇOS:

Assinatura Anual 1100\$00
Número Avulso 110\$00

PARA FAZER A SUA ASSINATURA:

Envio -nos o seu nome e morada, acompanhados do respectivo meio de pagamento.

Serviço de Cobranças:

R. Salvador Allende, Lt. 18
2686 - Sacavém
Tel.: 9410844 FAX: 9425764

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda
Vale Travelho - Pedreiras
2480 - Porto de Mós
Tel.: (044) 402413
FAX: (044) 401575

A redacção reserva-se o direito de condensar, ressaltar ou adaptar os textos enviados para publicação, de acordo com as necessidades de espaço.

☪☪☪

"Aqui está a paciência dos santos: Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus." Apoc. 14:12

☪☪☪

Internet:
<http://www.avore.pt/ascd>

Um Rasto de Altares

A resposta de Deus às nossas questões mais profundas

ROBERT S. FOLKENBERG

No seu poderoso livro *Night* (A Noite), o sobrevivente do Holocausto, e defensor dos direitos humanos, Elie Wiesel conta acerca de um incidente ocorrido num campo de concentração Nazi, onde o autor passou os anos iniciais da sua juventude, tendo como único crime o facto de ser Judeu. No campo havia um rapaz, provavelmente com menos de 12 anos, que foi apanhado a roubar comida, provavelmente algumas migalhas para encher o estômago vazio. Apanhado pelos guardas, foi enforcado no mesmo dia. Não ia ser, contudo, uma morte solitária: os guardas mandaram formar os prisioneiros para assistir.

Horrorizados, os prisioneiros mantiveram-se em formação enquanto a criança, tremendo de medo, se dirigia ao cadafalso. Havia, no entanto, um problema: ele era tão leve (tinha perdido peso no campo) que a força da gravidade não pôde levar a cabo a sua obra de morte. Em lugar disso, a criança ficou ali, pendurada pelo pescoço, contorcendo-se e estrebuchando, agitando os seus magros braços e pernas numa dança macabra. Os prisioneiros observavam com horror, incapazes de ajudar enquanto a criança arfava e se contorcia, em espasmos dolorosos mas ainda agarrada à vida. A cena continuou - com a criança que não morria - até que, no meio desta maldade sem sentido, um dos prisioneiros finalmente e em desespero gritou "Onde está Deus?"

Onde está Deus? Onde estava Deus? Por que é que Deus permitiu que tal coisa acontecesse? Estes gritos têm ecoado na humanidade durante os milhares de anos em que a raça tem sofrido, em que nós temos, de alguma forma, contorcido os nossos magros braços e pernas contra aquilo que parece ser uma arrebatadora onda de mal. Das limpezas étnicas na Bósnia às crianças que morrem por caírem numa lareira, no Natal, aqui em Filadélfia, de um tremor-de-terra na Índia ao afundamento de um barco de passageiros na costa da Finlândia, onde morreram centenas de pessoas, as forças

do mal, no mundo, têm levado a que se ouça o grito "onde está Deus?"

A resposta é tão simples quanto profunda: Deus estava no Calvário, morrendo pelos pecados do mundo. Esta é a única resposta verdadeira que nos pode ajudar, ao vermos "por espelho, em enigma" (1 Cor.13:12), na nossa tentativa de ver sentido num mundo que, de muitas maneiras, não faz qualquer sentido. Durante milhares de anos, as lições do Calvário foram ensinadas através do sistema sacrificial, instituído imediatamente após a queda, no Éden.

Embora as mentes modernas tendam a considerar a história do Éden como mera alegoria, como Adventistas - em especial com a ajuda das ideias particulares transmitidas pelo Espírito de Profecia - aceitamo-la como o relato literal da origem do mal e do sofrimento que se seguiu à sua entrada no nosso mundo.

Uma Cura Dispendiosa

O que nos interessa agora, porém, não é tanto a origem do mal mas a sua cura. Porque o pecado é uma violação da santidade de Deus (o Seu carácter expresso na Sua lei), a

queda de Adão e Eva criou uma barreira entre o Criador e as Suas criaturas pecadoras, sendo que nenhuma quantidade de arrependimento e esforços para remediar chegavam para remover o problema. Instantaneamente, e em particular no contexto do grande conflito entre Deus e Satanás, o problema causado por Adão e Eva tornou-se maior do que eles, e do que a humanidade.

Foi como quando Gravilo Princip disparou contra o arquiduque Ferdinando da Áustria-Hungria, um assassinio que levou à I Guerra Mundial. O problema tornou-se maior que Gravilo Princip, um anarquista fanático. Foi assim com a Queda, mas neste caso seria necessário mais do que Americanos e Forças Aliadas para terminar com o problema. Foi necessária a vida do próprio Filho de Deus.

"Visto que a lei divina é tão sagrada como o próprio

*Pela Sua morte,
Cristo abriu de
par em par as
portas do paraíso
a cada alma
arrependida*

Deus, unicamente um Ser igual a Deus poderia fazer expiação pela sua transgressão. Ninguém, a não ser Cristo, poderia redimir da maldição da lei o homem caído, e levá-lo novamente à harmonia com o Céu. Cristo tomaria sobre Si a culpa e a ignomínia do pecado - pecado tão ofensivo para um Deus santo que deveria separar entre Si o Pai e o Filho. Cristo atingiria as profundidades da miséria para libertar a raça que fora arruinada.”⁽¹⁾

A decisão de Cristo de levar sobre Ele a culpa e a vergonha do pecado iniciou o que pode ser chamado “o pacto eterno”, no qual o Filho foi voluntário para deixar as glórias do Céu, tomar sobre Si a natureza da humanidade, e, em nosso lugar, aceitar as consequências do pecado. Ele daria a Sua vida e permitiria que a sentença de morte fosse executada nEle, para que não caísse sobre nenhuma pessoa que, com fé, se aproxime do Redentor: “Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz.” (Filip. 2:6-8).

Embora esta verdade seja espantosa, as pessoas necessitavam de a conhecer, de saber e compreender o grande sacrifício realizado em seu favor, para que pudessem responder e receber os benefícios que derivam do que Cristo fez. Deus deseja que os humanos compreendam, em particular, duas verdades cruciais: a da natureza terrível da revolta contra Deus, e a do espantoso sacrifício necessário para trazer salvação aos pecadores arrependidos e terminar com a revolta de forma a garantir que nunca mais voltará a acontecer. E estas verdades foram ensinadas, de certa forma, através do sistema do santuário, que serviu como modelo, como representação pictórica do plano da salvação.

No Éden, Deus advertiu Satanás (que se fazia passar por uma serpente) de que a descendência da mulher, que ele levava ao engano, se levantaria para

lutar contra ele. Embora esse Filho de mulher viesse a sofrer terrivelmente com o conflito, conseguiria a vitória e a destruição de Satanás. Nesse momento, diante de Adão e Eva, Deus levou a cabo um acto estranho: “E fez o Senhor Deus a Adão e a sua mulher túnicas de peles, e os vestiu” (Gen. 3:21). Os animais, que tinham sido entregues ao seu cuidado, foram mortos. Iniciou-se, assim, o primeiro serviço sacrificial, com as implacáveis lições que ensinava acerca do preço do pecado. O pecado é tão aborrecido por Deus, e viola tanto a Sua natureza santa, que só podia acabar em morte. Sem dúvida que a carcaça ensanguentada do seu cordeiro, do seu bode ou do seu carneiro favorito, colocada na relva, diante deles, transmitiu a mensagem de que o salário do pecado é a morte, e que a aceitação de Deus apenas podia advir do sacrifício de uma vítima inocente em lugar deles.

Evidentemente que não tem sede de sangue. Não é o sangue que aplaca a Sua fúria, como vingança, como se passa, por vezes, com os seres humanos. Deus não se vinga; pelo contrário, de forma divina administra tanto a justiça como a misericórdia. Na realidade, o sangue derramado não demonstrou apenas aos homens a gravidade do pecado; reforçou, também, o princípio da Sua justiça e misericórdia - justiça, porque o pecado não pode ficar sem oposição; misericórdia, porque Deus quer perdoar aqueles que caíam em pecado. Uma vez que a criação se iniciou em harmonia com o carácter de um Deus de ordem, a violação dessa ordem traz consequências desastrosas que privariam o pecador da mais elementar entre as dádivas de Deus: a da vida.

Assim, os sacrifícios requeriam sangue, símbolo do custo da redenção. A oferta de Abel foi aceite; a de Caim não o foi. Qual a diferença vital? A oferta de Caim tem paralelo com as tentativas de nos redirmos através dos nossos esforços, de acordo com o nosso julgamento; em contraste, Abel reconheceu a verdade de que apenas pelo sacrifício de uma vida inocente os humanos podem ser reconciliados com o seu Criador. A oferta de Caim

representava a salvação pelas obras, a de Abel a salvação pela fé. Só a última é efectiva.

Mesmo os patriarcas, vivendo nos dias do “tipo”, compreenderam a maior parte desta verdade. Por todo o lado, os patriarcas deixaram um rasto de altares, onde levaram a cabo o acto de fé no Salvador vindouro, que expiaria os seus pecados. O acto, evidentemente, era um sacrifício. Ao sair da arca, Noé junta a sua pequena família em redor de um altar recém construído e oferece um sacrifício a Deus. Sozinha num mundo vazio, esta mão-cheia de pessoas empenhou-se no repovoamento do espaço ao seu redor, de novo com pecadores. Iniciando o novo mundo diante do altar de Deus, Noé estava a pedir honestamente que ele, a sua família e aqueles que deles resultassem servissem só a Deus.

*Deus não se vinga.
Pelo contrário, de
forma divina
administra tanto a
justiça como a
misericórdia.*

Os altares de Abraão mantiveram-se por muito tempo como memoriais da sua fé. Não era, simplesmente, a realização do ritual, mas a profundidade da fé nele colocada e o acto de fé que lhe é subjacente, que são suficientes para se ser considerado justo (Gen. 15:6). Hoje, também, não é o culto superficial que nos aproxima verdadeiramente de Deus. Tal como no tempo de Abraão, são a confiança e o amor que levam à entrega de fé desde o mais íntimo do nosso ser para dar significado ao acto de adoração. Qualquer pessoa pode ir à igreja e cantar hinos, tal como qualquer pessoa pode matar um animal. Não é disso que a salvação trata.

Encontramos o sacrifício em toda a Bíblia, símbolo do plano de Deus para expiar o pecado, redimir a humanidade e acabar com o mal que causa tanto sofrimento. Dos sacrifícios do Levítico, dos sacerdotes a presidir nos altares do Tabernáculo e, depois, no Templo, a Samuel, Elias, David, Salomão, todos dirigindo o povo diante do trono de Deus - o sacrifício sempre foi utilizado para levar às almas a verdade de que o pecado traz como consequência a morte. Ao oferecer o seu sacrifício diante do altar, eles reconheciam a fraqueza da sua posição diante de Deus. Podiam dirigir-Se-lhe com as suas mãos em súplica, confiantes de que Ele não mandaria embora uma alma arrependida. Não era com medo que se aproximavam do altar, mas com a bendita segurança de que tinham recebido reconciliação, restauração da paz com o seu Criador, e esperança eterna.

Pela Sua Morte

Os sacrifícios, porém, tinham significado apenas quando apontavam para o Redentor, cujo sacrifício triunfaria sobre Satanás, sobre o poder da morte e sobre todo o mal. O profeta Isaías deu vislumbres desse sacrifício: “Mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos. Ele foi oprimido, mas não abriu a sua boca: como um cordeiro foi levado ao matadouro, e, como a ovelha muda, perante os seus tosquiadores, ele não abriu a sua boca” (Isaías 53:6,7).

Repetidamente conhecem os autores bíblicos a ligação entre o altar dos sacrifícios e Jesus. No Seu baptismo, João Baptista dirige-se à multidão e afirma “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (o Cordeiro era evidentemente uma imagem relacionada com o sacrifício). O apóstolo Pedro escreve: “Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata e ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver, que por tradição recebestes dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado, o qual, na verdade, em

outro tempo foi conhecido, ainda antes da fundação do mundo, mas manifestados nestes últimos tempos por amor de vós; E por ele credes em Deus, que o ressuscitou dos mortos, e lhe deu glória, para que a vossa fé e esperança estivessem sem Deus” (1ª Pedro 1:18-21).

Na epístola aos Hebreus, Cristo é mostrado como sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, ministrando a virtude do Seu próprio sangue, o único sacrifício puro capaz de limpar toda a culpa e restaurar aqueles que estão cobertos pelo sangue à plena harmonia com Deus. “Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes e bezerrinhos, mas pelo seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efectuado uma eterna redenção” (Heb. 9:11,12). Pela Sua morte, Cristo abriu de par em par as portas do Paraíso a cada alma arrependida que se dirige em humildade aos pés do altar. Nós, que estávamos condenados à destruição, sem esperança, irremediavelmente apanhados na teia mortal do pecado, somos agora libertos pelo Seu sangue. Passámos da morte para a vida, aqui e agora. “Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida” (1ª João 5:12).

No livro de Apocalipse, Jesus é amiúde representado como o Cordeiro. A abertura de cada sequência profética mostra o Cordeiro de Deus a ministrar no Seu santuário. Em primeiro lugar, Ele aparece entre os sete castiçais, depois no altar, em seguida no trono de misericórdia, local onde, no santuário terrestre, o sumo sacerdote tinha oferecido o sangue do sacrifício pelo Senhor. Aparece, depois, como o Cordeiro Todo-Poderoso, triunfante, pelos corredores do espaço para redimir o Seu povo, um povo qualificado para seguir o Cordeiro onde quer que Ele vá. Estes são os habitantes redimidos do futuro mundo glorioso, o mundo restaurado, finalmente em harmonia com o seu Criador. “E Deus limpará dos seus olhos toda a lágrima; e não

haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas” (Apoc. 21:4).

Hoje olhamos para este rasto de altares à luz do Calvário, a única forma destas mensagens serem plenamente compreendidas. Assim, com a luz da cruz a brilhar sobre cada sacrifício, deveríamos ser repletos de gratidão, amor para com Deus, e esperança de que em breve O veremos face a face, e cairemos aos Seus pés com alegria transbordante. Graças à cruz e à efectivação de cada um desses sacrifícios, foi-nos prometido que cada desapontamento e carga desta vida serão varridos, e entraremos numa caminhada com Deus que ultrapassa a nossa mais elevada imaginação.

Esta esperança guia-nos e mantém-nos dia a dia, momento a momento. Esta é a esperança que temos, mesmo quando o mal nos rodeia, uma esperança nascida do amor que transcende o sofrimento que hoje nos parece tão incompreensível. É um amor que eleva a sua voz da cruz e diz: “*Confia em Mim; porque Eu amo-te. Confia em Mim; porque Eu morri por ti. Confia em Mim; porque um dia Eu responderei a todas as tuas questões, mesmo às que parecem não ter resposta, como à de um rapaz suspenso por um pescoço que não se quebra.*”

É essa a mensagem do sistema sacrificial. É essa a mensagem da cruz. Possa Deus conceder-nos os ouvidos, não só para ouvir, mas para que compreendamos.

Questões para discussão

1. Como é que a cruz me ajuda a explicar o problema do sofrimento e do mal no mundo e na minha vida pessoal?
2. Que lição espiritual posso aprender do rasto de altares contruído pelos patriarcas durante as suas viagens? Qual é o significado teológico desses altares?

Robert S. Folkenberg é presidente da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia

¹ *Patriarcas e Profetas*, p. 57

Domingo

Um Santuário para Deus

O nosso Pai quer aproximar-Se de nós

ANGEL MANUEL RODRIGUEZ

Fora uma jornada longa e exaustiva. Os Israelitas tinham, finalmente, chegado ao ponto geográfico chave da sua peregrinação; agora podiam descansar um pouco.

Foi-lhes ordenado que montassem o campo ao redor de uma montanha sem expressão, e eles montaram as tendas ao mesmo tempo que vislumbravam o monte Sinai. Nesta montanha os Israelitas iriam testemunhar a mais maravilhosa amostra da glória de Deus, e iriam ouvir-O falar. Que excitação! O Senhor ia estar com eles de forma visível (Ex. 19:11).

Na realidade, o Sinai iria ser o primeiro santuário de Israel, e a experiência aí vivida seria perpetuada no santuário Israelita. No Sinai, Deus deu instruções a Moisés, “E me farão um santuário, e habitarei no meio deles” (Ex. 25:8).

Examinando a natureza e a função do santuário terrestre poderemos compreender melhor a natureza e a função do santuário celestial. O santuário Israelita funcionava, na Terra, de forma que simbolizava o funcionamento do santuário celestial no respeitante ao resto do universo.

Lugar de Residência

A ideia de uma divindade a habitar num santuário ou num templo não é exclusiva dos Israelitas, sendo muito comum em todo o Médio Oriente antigo. Nesse tempo, a imagem do deus, que se acreditava conter a essência do próprio ser divino, era colocada em templos para permitir que os adoradores suprissem as necessidades do deus através das suas ofertas e sacrifícios. Posto que se pensava que os deuses tinham necessidades físicas semelhantes às dos humanos, os sacrifícios eram olhados como alimento para os deuses. Por outras palavras, ao cuidar das necessidades da divindade residente, os adoradores acreditavam estar a comprar favor e bênçãos divinos.

Em contraste com esta ideia, o santuário de Israel não foi estabelecido para prover as necessidades físicas do

Senhor, mas antes para que Deus provesse as necessidades do povo. Através do santuário, Deus estava a oferecer a Israel a Sua santa presença. Estava a disponibilizar-se pessoalmente para Israel nesta fracção específica do espaço. Por este acto, Deus comunicava de forma gráfica a gloriosa verdade de que, com Deus sempre presente, Ele estava disposto a entrar no espaço onde o Seu povo existia. Este acto divino de condescendência pressupõe o amor de Deus para todos, não uma ira divina que devesse ser propiciada. O santuário é, portanto, uma testemunha da presença amorosa de Deus.

Para os israelitas Deus era uma pessoa com quem podiam marcar uma entrevista

A Escritura ensina que Deus tem, também, um *templo celestial*, do qual o santuário Israelita era uma pálida cópia ou sombra (Heb. 8:1,2,5). João refere-se várias vezes a este santuário celestial (Apoc. 11:19; 14:17). O salmista afirma que “O Senhor está no seu santo templo: o trono do Senhor está nos céus”. O templo celestial é o local onde está situado o trono real, onde Deus habita entre seres celestiais (Dan. 7:9,10; Apoc. 4:2-7).

A Bíblia indica que Deus não pode ser circunscrito pelo espaço. Salomão afirma: “Eis que os céus, e até o céu dos céus, te não poderiam conter” (1 Reis 8:27). O Criador é infinitamente maior do que tudo o que foi criado.

Lugar de Encontro

Pouco depois do êxodo do Egipto, Deus marcou encontro com os Israelitas. Ele mandou que Moisés trouxesse o povo ao Sinai, para se encontrar com Ele na montanha (Ex. 3:12). A montanha era um local provisório de encontro, e uma vez chegados ali, o Senhor requereu que fosse construído um santuário porque “Ali virei aos filhos de Israel.” (Ex. 29:43).

O verbo traduzido por “virei” deriva do verbo Hebraico *yâ'ad*. Pode ser traduzido em português por “vir, aparecer, ter um encontro”. Estas noções estão claramente associadas. Ter um encontro implica vontade de vir ou aparecer no lugar do encontro. O lugar de encontro é o

santuário que também é chamado “tenda da congregação” (Ex. 28:43).

Que conceito maravilhoso. Os Israelitas sabiam onde encontrar Deus. Para eles, Deus era uma pessoa com quem podiam marcar uma entrevista. Podiam dirigir-se ao lugar onde Deus residia e encontrar-se com Ele. Deus não era distante e inacessível mas um Senhor e Redentor sempre presente. Assim ficava satisfeita a sua necessidade de companheirismo espiritual com o seu Deus e Criador. Por forma a facilitar o encontro, o santuário era colocado exactamente no meio do campo Israelita (Num. 2). Estando no centro, o Senhor providenciava coesão, orientação e segurança.

Este lugar de encontro era o centro de adoração dos Israelitas (Sl. 132:7). Aqui eles podiam inclinar-se diante do Senhor, dar graças (Sl. 138:2), orar por ajuda e protecção (Sl. 28:2), e cantar louvores a Deus (Sl. 43:2-4).

Mais tarde, quando a tenda se tornou num templo, grupos de peregrinos chegavam para os festivais, entravam nos seus pátios, e andavam ao redor do altar cantando e louvando o Senhor pela Sua bondade (Sl. 68:24-26; 42:4). Ir ao Templo para aparecer diante de Deus era provavelmente uma das mais alegres experiências que cada Israelita podia ter.

Hoje, necessitamos de readquirir a alegria do louvor quando vimos à presença do Senhor. Deus está disponível para nós; podemos regozijar-nos na Sua presença. Esta alegria não é sentimentalismo emocional que produz uma experiência superficial de euforia. Esta alegria vem de sabermos que estamos na presença do nosso Deus e Salvador, a verdadeira fonte das nossas vidas e de todas as bênçãos (Sl. 132:14,15).

Da mesma forma, o *santuário celeste* é o lugar onde Deus se encontra com os seres celestiais. Imagino-os a virem de todo o universo até ao santuário celestial de Deus para se encontrarem com o Senhor. Job conta-nos acerca de duas dessas ocasiões em que “os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor” (Job. 1:6; 2:1).

Hoje, nós também temos acesso, pela fé, ao santuário celestial através de Cristo, nosso Salvador. Por causa do sangue de Cristo, podemos chegar-nos “com confiança, ao trono da graça” (Heb. 4:16; ver também Heb. 10:19,20), onde Jesus ministra em nosso favor (Heb. 7:25).

Somos membros da família divina (Ef. 2:18,19) e, quando prestamos culto a Deus nas nossas devoções particulares ou colectivas na igreja, estamos de facto a prestar culto a Deus no santuário celestial, na companhia de miríades de seres celestiais. Em breve, o que experimentamos hoje, pela fé, tornar-se-á uma realidade visível (Apoc. 7:13-17; 14:1-3).

Lugar de onde Deus Governa

Desde o templo israelita Deus reinava como rei sobre todos os povos da Terra (Sl. 99:1; 47:7,8). A presença de Deus numa fracção particular do espaço deste planeta testemunhava do Seu reinado universal.

O santuário era o local em que Deus tornava a Sua vontade conhecida. Desde o Lugar Santíssimo do santuário, Deus falava a Moisés dando as ordens para o povo (x. 25:22). Deus usava os sacerdotes para instruir o povo, ensinando-lhes todos os estatutos que o Senhor tinha revelado a Moisés (Lev. 10:11). Por vezes, a vontade de Deus era revelada por Urim e Tumim, duas pedras preciosas colocadas nas vestes do sumo sacerdote (Num. 27:2).

Quando uma pessoa violava a vontade de Deus mas se arrependia, e buscava uma revelação da graça perdoadora de Deus, era no santuário que o perdão estava disponível. Deus tinha feito provisão para a expiação através do sistema sacrificial (Lev. 17:11). O indivíduo vinha carregado com o peso do pecado - levando a sua iniquidade (Lev. 5:1) - mas saía do santuário perdoado (Lev. 4:31).

O santuário Israelita era um centro dinâmico de vida, poder, bênçãos, protecção e perdão porque era o lugar de residência de Deus no seio do Seu povo. Ali, Deus revelava o Seu poder para governar as nações da Terra como rei universal, juiz e protector.

O *santuário celeste* de Deus é o local a partir do qual o nosso Deus dirige, não só a Terra, mas todo o cosmos. Nenhuma parte da criação se pode considerar como estando fora da direcção de Deus: “O Senhor tem estabelecido o Seu trono nos céus e o Seu reino domina sobre tudo.” (Sl. 103:19).

Os Israelitas sabiam que havia uma ligação próxima entre os santuários terrestre e celestial. Vemos isto na oração de Salomão, quando da dedicação do templo. Enquanto o povo de

Deus oferecia as suas orações no santuário terrestre, Deus é descrito como estando a ouvir as suas orações no céu (1º Reis 8:38,39). E quando o povo pedia perdão, devia acreditar que Deus o concedia a partir da sua morada celestial (vs. 30). Desde o céu, Deus abençoava-os a eles e à terra (Dt. 26:15). O Senhor, cuja presença era manifesta no santuário terrestre, habitava, realmente, no santuário celestial.

É reconfortante saber que Deus ainda é o rei do universo e dirige a partir do santuário celestial. O lugar de habitação de Deus no céu, entre as Suas criaturas, garante-nos que um Rei amoroso controla o cosmos e nos guiará até um objectivo definido: a erradicação do mal. Como juiz, Deus é o árbitro moral do universo e governa com justiça e misericórdia. Podemos aproximar-nos de Deus na sua morada celestial e “alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno” (Heb. 4:16). Isto é possível porque, através de Cristo, Deus nos abriu os portais do santuário celestial.

Questões para discussão

1. De que formas vemos uma semelhança entre o santuário Israelita e os templos de outros deuses nos tempos antigos? Como podemos compreender o santuário Israelita como diferente dos templos das culturas circundantes na época? Qual a importância destas diferenças? Como é que estas diferenças afectavam a compreensão que Israel tinha de Deus?

2. Nos tempos antigos, os Israelitas tinham provas visíveis da presença de Deus - no santuário, nos trovões e nos relâmpagos do Sinai, na coluna de fogo. Que provas da presença de Deus temos hoje? Enuncie algumas que sejam encorajadoras para si.

3. Em que medida é que o estudo do santuário terrestre ajudou a sua compreensão do santuário celeste? Dê alguns exemplos?

Angel Manuel Rodriguez é director associado do Instituto de Pesquisa Bíblica da Conferência Geral

Tesouros do Templo

Uma reflexão sobre o local onde Jesus trabalha

SHIRLEY BURTON

Os jornais e revistas apresentam, muitas vezes, ideias relacionadas com as verdades espirituais. Nenhum, porém, disse mais aos Adventistas do Sétimo Dia de que as primeiras páginas de três periódicos americ.anos há cerca de um ano.

A primeira revista anunciava um jogador de "baseball" que passara das páginas desportivas para a primeira página em todos os dias daquela semana. Porquê? Porque tinha igualado um recorde ao atingir o maior número de jogos consecutivos jogados por um jogador. Há 13 anos que ele não faltava a um jogo. Como recompensa, recebeu, no campo onde costumava jogar, uma ovação de pé que durou cinco minutos.

Na noite seguinte, porém, quando ultrapassou o recorde estabelecido 56 anos antes, a admiração foi ainda maior, levando 50.000 espectadores, novos e velhos, ricos e pobres - incluindo o presidente e o vice-presidente dos Estados Unidos. A ovação, de pé, durou mais de 20 minutos!

A América bem precisava destas boas notícias, em meio às histórias de violência, intriga e engano. Mas eu lembrei Aquele que realmente merece a adoração e o louvor, o Único que poderia mudar o curso dos acontecimentos que cada dia vemos nas notícias.

O local do Seu trabalho contrasta claramente com o estádio atrás referido. E Ele tem estabelecido recordes nos últimos 6.000 anos, e de uma forma particular nos últimos 2.000 anos, num local mais esplêndido do que um estádio americano.

Um Local de Trabalho Elegante

Embora os nossos olhos não tenham visto nem os nossos ouvidos escutado, nem tenhamos imaginado quão belo este local deve ser (1ª Cor. 2:9), temos algumas indicações quanto à elegância do Seu local de trabalho. Deus passou tempo precioso na montanha, explicando em minucioso detalhe como Moisés devia construir uma miniatura semelhante na solidão do deserto.

Nenhuma das línguas terrenas pode descrever a glória dos reflexos do candelabro de sete braços, feito de ouro, irradiando para as placas cobertas de ouro apoiadas por bases de prata. O candelabro sólido, feito de uma só peça, em si próprio é requintadamente ornamentado com lírios floridos. Perto, estão a mesa e o altar do incenso. O tecto e as cortinas são de esplendoroso azul e prata, suportados por anéis de ouro puro. (Na versão terrestre as várias cortinas tinham desenhos em forma de querubim para representar a hoste angélica que ministra com Ele no santuário celeste: As suas gloriosas harmonias não podiam, porém, ser imitadas na Terra.)

Os vestidos do Advogado são também maravilhosos, com os fios dourados, azuis, de púrpura, e de carmesim, de fino tecido, sobreposto por um peitoral com quatro filas de jóias. Cada fila contém três gemas diferentes incrustadas em ouro e gravadas com nomes. Sinos de ouro estão pendentes da orla dos vestidos.

*Jesus é o
único a
merecer o
aplauso do
universo.*

A Câmara Interior

Ele passou a desenvolver a Sua obra na câmara interior do Juiz, por assim dizer, à qual Ele chama Lugar Santíssimo. Ali, a única peça de mobiliário é uma arca de madeira especial, coberta com ouro e protegida por dois querubins, um de cada lado. No interior da arca, está o padrão da lei pela qual o nosso carácter é julgado, enquanto o tampo é concebido

em ouro e designado por trono da misericórdia.

No meio de toda esta beleza, a preciosa fragância do incenso divino - "dos Seus méritos em nosso favor" - representado pelo altar dourado manufacturado pelos filhos de Israel.

A Sua obra privilegiada veio-me à mente quando as parangonas dos jornais anunciaram - alguns em letras gigantescas - "Inocente". Um júri tinha considerado como inocente da acusação de assassinio uma conhecida figura do desporto.

Este Advogado/Intercessor/Juiz, porém, faz esta decla-

ração todos os dias, vezes sem conta por dia, por causa de um preço pago no passado, numa cruz. “Ele qualificou-Se para ser não só o representante da raça, mas o seu Advogado [e Juiz], para que cada alma que assim o deseje possa dizer, ‘Eu tenho um Amigo no tribunal’.”⁽¹⁾

“À medida que as orações dos sinceros e contritos ascendem ao céu [Ele] diz ao Pai ‘Eu assumo os seus pecados. Eles aparecerão diante de Ti como inocentes’.”⁽²⁾

Nós apenas temos de reconhecer a nossa culpabilidade e pedir perdão. “Não há pecados que Ele não perdoe.”⁽³⁾ Isto são boas notícias.

Advogado Divino

A história prova-o. À mulher que fora apanhada em adultério, Ele disse, “nem eu, também, te condeno; vai-te, e não peques mais” (João 8:11).

Ao paraplégico que foi descido pelo telhado quando a porta estava obstruída, Ele disse “Filho, perdoados estão os teus pecados” (Marcos 2:5).

Noutra ocasião, Ele pediu “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lucas 23:34).

Pensaram ultimamente onde e quando esta frase foi dita? Vejamos o que diz Ellen White no livro *O Desejado de Todas as Nações*: “O imaculado Filho de Deus pendia da cruz, a carne lacerada pelos açoites; aquelas mãos tantas vezes estendidas para abençoar, pregadas ao lenho; aqueles pés tão incansáveis no serviço de amor, cravados no madeiro; a régia cabeça ferida pela coroa de espinhos; aqueles trêmulos lábios entreabertos para deixar escapar um grito de dor. ...

“Aquele que impôs calma às ondas revoltas, e caminhou por sobre as espumejantes vagas, que fez tremerem os demónios e fugir a doença, que abriu os olhos cegos e chamou os mortos à vida - ofereceu-Se a Si mesmo na cruz em sacrifício, e tudo isso por amor de ti. Ele, o que leva sobre Si os pecados, sofre a justiça divina, e torna-Se mesmo pecado por amor de ti.”⁽⁴⁾

Como podemos nós deixar de exclaimar, “Vede quão grande amor nos tem concedido o Pai” (ver 1ª João 3:1)?

O nosso Advogado pagou Ele próprio o custo do privilégio de nos representar no tribunal original que é o santuário. Não importa o que fizemos: enganado esposa ou esposo, abusado de uma criança verbal ou fisicamente, defraudado nos negócios, comprometido os padrões em matéria de sexo, levar para casa as esferográficas da empresa, rebaixado alguém, falsificado uma contabilidade, roubado comida para a família, gasto o dízimo que é de Deus em outras coisas, usado o nome de Deus para outro fim que não o louvor, ou qualquer outra atitude que assombre os nossos momentos de meditação.

“Inocente”

Ele ainda está disposto a afirmar: “Não és mais culpado; Eu atirei com os teus pecados para trás das costas (Is. 38:17). Esses pecados foram lançados nas profundezas do mar (Miq. 7:29) Eu apaguei essas transgressões e nunca mais Me lembrarei delas (Is. 43:25). Deixa-me alterar a sentença.”

Chegou o momento de vos falar da terceira notícia de jornal, que apareceu pouco tempo depois das duas de que já falámos. Na capa de uma das maiores revistas dos E.U.A. apareceu a foto do Papa João Paulo, durante a sua quarta visita papal aos Estados Unidos. O título dizia “Honra o teu pai”.

Com uma aparência suficientemente bondosa, ele tinha coisas boas para dizer acerca da necessidade de a América voltar aos valores básicos da ética moral descritos na Bíblia. Mas João Paulo não é o nosso Pai; não é Aquele que enunciou esses princípios de vida decente; não é Aquele que “ofereceu o Seu corpo quebrantado para readquirir a herança de Deus, para dar ao homem outra prova.”⁽⁵⁾

João Paulo pode ser o pastor de um rebanho com um milhão de membros em todo o mundo; mas o nosso Pai - o nosso Pastor - criou-os a eles e a nós, e conhece-nos a cada um pelo nome. Além disso, o pontífice não é Aquele que defende os nossos casos no tribunal celestial. Não é Aquele que inspirou o Livro que necessita de mais

atenção da nossa parte, Aquele que descreve tanto o santuário como o ministério que ali decorre.

Não é Aquele que criou o verdadeiro sinal da cruz que absolve do pecado. Não é Aquele com autoridade para atirar os pecados para as profundezas do mar.

O Tesouro

Jesus é o único que pode fazer tudo isto, e Ele é o Tesouro do santuário. É Ele quem merece as nossas longas ovações de pé, o aplauso de todo o universo. Jesus é o único com o direito de dizer “Inocente”.

Os tesouros do santuário celestial são superiores à beleza deslumbrante, música angélica e processos para julgamento. O maior Tesouro é Jesus - Investigador Cuidadoso, Examinador Qualificado, Solicitador Divino, Intercessor Celeste, Mediador Misericordioso, Perdoador com Amor.

Questões para discussão

1. Talvez o mais solene de todos os pensamentos seja o que Paulo escreveu aos Coríntios: “Não sabeis que vós sois o templo de Deus, e que o Espírito Santo habita em vós?” (1ª Cor. 3:16). Como é que este pensamento afecta a minha vida?

2. Se vós e eu somos os Seus templos, os repousos terrestres para os pés d’Aquele que está acostumado às glórias extraordinárias da eternidade, que tipo de templos Lhe estamos a apresentar?

3. Como é que nos estamos a preparar para que a espantosa Presença possa estar connosco, aqui e agora?

Shirley Burton reformou-se, depois de mais de 40 anos de serviço na Igreja Adventista, como professora, escritora e comunicadora. Embora reformada, continua a ensinar e a escrever. Vive em Lincoln, no Nebraska.

¹ *The SDA Bible Commentary*, Comentários de Ellen G. White, vol. 7, p. 930

² *ibidem*

³ *idem*, p. 913

⁴ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pp. 725,726

⁵ Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p.156

O Calvário

O altar onde Jesus morreu por nós

GEORGE W. REID

Nos capítulos 4 e 5 do livro de Apocalipse, encontramos uma cena em que um livro, selado com sete selos, é colocado diante de nós, mas não é encontrado ninguém digno de abrir os selos. O caso parece perdido, mas assim não é porque uma Pessoa pode qualificar-Se, Alguém cujo nome é o Leão da tribo de Judá, que venceu, esse pode abrir o rolo selado com os sete selos.

Imediatamente, aparece diante de nós a figura central, “um Cordeiro, como havendo sido morto” (Apoc.5:6). O Cordeiro avança, toma o rolo e toda a assembleia cai sobre as suas faces em adoração: “Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda a tribo e língua, e povo, e nação.” (v. 9) Em resposta, uma vasta assembleia de anjos proclama em coro: “Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e acções de graças” (v. 12).

Aquilo que testemunhamos no Apocalipse é a adoração ao Jesus ascendido, agora exaltado por todas as hostes dos céus como vencedor sobre todos os que desafiaram Deus. Ficamos fascinados por O encontrar descrito como sendo o Leão de Judá e o Cordeiro. Ambos os símbolos nos dizem algo importante em relação ao Salvador. N’Ele estão combinadas a força do aço e a suavidade do veludo. Ele é poderoso para realizar, por ter vencido todos os oponentes, ao mesmo tempo que a Sua meiga compaixão se aproxima, sem cessar, daqueles que são golpeados pelas agruras da vida.

O Apocalipse apresenta-nos o Cristo triunfante, vitorioso sobre Satanás e os seus seguidores. Cristo é apresentado no céu rodeado por anjos que O adoram e por aqueles remidos de todos os povos, unidos em coros de louvor e adoração.

Três Intervenções

Por três vezes, Deus interveio de forma incomparável nos assuntos do nosso mundo. A *primeira* foi com a criação do planeta e a colocação no mesmo de pessoas criadas à Sua imagem, partilhando com eles a concessão de algumas das Suas qualidades.

A *segunda* intervenção magnífica foi a Encarnação. Foi um acontecimento único, algo nunca visto em toda a eternidade. O Criador tomou a natureza da criatura.

Não só desceu à forma de um ser criado, mas assumiu o estatuto do mais baixo entre nós. Nada na Sua pessoa nos levava a gostar d’Ele. Descendo ainda mais, Ele tomou sobre Si o peso da culpa acumulada entre os humanos, acabando por morrer de tal forma que cobriu os pecados do mundo. De então em diante, qualquer pessoa que humildemente se aproxime d’Ele com confiança e aceitação encontrará os méritos da Sua pureza disponíveis para limpar todo e qualquer pecado. A Sua morte no Calvário foi para nós.

A *terceira* intersecção ainda está no futuro. Os anjos afirmaram aos boquiabertos discípulos, à medida que Jesus subia ao céu,

“Esse Jesus, que de entre vós foi recebido em cima, no céu, há-de vir, assim, como para o céu o vistes ir” (Act.1:11). Ele vai voltar. É nesse acontecimento glorioso que os nossos olhos estão fixados hoje. Então dar-se-á a *terceira* intervenção de Deus nos assuntos terrenos, desta vez para pôr fim ao pecado e restaurar à perfeição original o universo de Deus.

No centro das três intervenções magníficas de Deus encontramos a Encarnação. Nesse momento, Deus veio entre nós para destruir o mal que o pecado tinha causado e salvar-nos da nossa triste condição. Estamos familiarizados com a forma como o Filho Se despiu da glória divina e Se tornou um de nós. “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a Sua glória, como a glória do unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade”(João 1:14).

*O universo
testemunhou os
limites a que o
salvador chegou
para salvar os
habitantes de
um pequeno
mundo.*

O ponto mais alto do ministério de Cristo recaiu na Páscoa. Cerca de 1.500 anos antes, a Páscoa fora instituída entre o povo de Deus. Um cordeiro era morto, o sangue era aspergido na ombreira da porta de cada família crente, e o anjo da morte passava em claro aquela casa; os seus habitantes eram poupados. Assim prefigurava, a Páscoa, a libertação do pecado para todos os que colocassem a sua confiança em Cristo; por isso as Escrituras falam de Cristo como a nossa Páscoa.

A Semana Final!

A história da semana final da vida de Jesus é muito familiar. O Salvador foi levado através de um trilho de injustiça, como um cordeiro que é levado para o matadouro. No meio de discípulos em fuga, Ele foi preso, levado a uma série de audiências simuladas e processos injustos, para ser finalmente condenado e levado ao lugar da cruz. No fim de várias horas de agonia na cruz, Jesus gritou “Está consumado” e morreu. Nunca tão poucas palavras tiveram tão imenso significado. Jesus, o sacrifício, morria no altar pela humanidade, e poucos compreenderam ou se preocuparam.

Enquanto ainda éramos pecadores, Cristo morreu pelos nossos pecados. É verdade, Aquele que mais valor tem estava a entregar a Sua vida por seres sem qualquer valor. Que magnífica amostra de amor altruísta. Jesus ensina-nos a amar os outros, mesmo os nossos inimigos, e essa lição foi difícil. Agora, demonstrou por actos aquilo que queria dizer; Ele entregou a Sua vida por nós, que somos ingratos. Com o Seu exemplo, porém, iniciou uma peregrinação de compreensão. Quanto nos ama! Como Criador, como seria fácil abandonar-nos como pecadores e fazer uma nova criação. Em lugar disso, Ele gasta os recursos do Céu para nos salvar da loucura do pecado e da sua consequência mortal.

Como Adventistas, conhecemos detalhes adicionais sobre algo que estava em actuação quando da morte de Cristo. Não só o nosso pequeno mundo está envolvido nisto, mas o universo está a observar, espantado, à medida que o espectáculo segue o seu curso. O argumento de Satanás em relação a nós é que um Deus justo não pode exercer misericórdia sem violar a justiça. Se a lei da causa e efeito deve ser respeitada,

então cada pecador deve ser levado à sepultura, não só para o sono da morte, mas para o desaparecimento final. Tal lógica parece inabalável.

No Seu inexplicável amor, o Criador foi confrontado com uma escolha horrível. O universo inteiro esperava para ver. O que testemunharam foi a maravilha das maravilhas. O próprio Criador tornar-se-ia um de nós, sujeitando-Se ao mundo impuro de pecado onde viveria, deixando voluntariamente de parte a Sua vida para Se conformar com os requisitos da justiça. Na realidade, o salário do pecado é a morte. Não se escapa às consequências da rebelião. Sobre Ele foi depositada a culpa acumulada da humanidade. O Senhor colocou nos Seus ombros a culpa que deve acabar para sempre. A vida devia cessar. Por isso, no Calvário o nosso Salvador recebeu a culpa de todos nós e sofreu as suas consequências. Ele morreu a segunda morte. A sepultura não pode, porém, mantê-lo, porque n'Ele não havia pecado, por isso Ele saiu, chamado pelo Seu Pai.” Pelo que, também, Deus o exaltou soberanamente” (Fil. 2:9). Começámos por mencionar o Cristo glorificado. Agora compreendemos a razão pela qual os louvores são mais do que apropriados. Ele saiu do sepulcro vitorioso sobre o pecado e a morte, e com o poder de dar essa vitória a cada pessoa que acredite. Ele levou o nosso pecado e a nossa culpa na cruz. Ele levantou o véu do nosso castigo, completamente e com grande poder. Ele vive eternamente para assegurar liberdade e paz na abundância da Sua graça. E nós, sem nada merecer, fomos feitos beneficiários da Sua generosidade. Agora compreendemos de forma mais plena por que razão a salvação é em Cristo, só em Cristo, pois Ele assegura a Sua justa posição a todos os que verdadeiramente submetam a sua vontade à d'Ele. É por esta razão que o Céu se junta num poderoso coro para elevar louvores ao Cordeiro - o Cordeiro de Deus que afastou o pecado. Este acontecimento único, levado a cabo uma só vez em toda a eternidade, foi-o para a nossa salvação.

Assim, pelo Seu sacrifício somos salvos. Mas todo o universo ganhou uma nova perspectiva. Deus é realmente amor, e amor de uma categoria que ultrapassa a imaginação. O universo testemunhou os limites a que o Salvador chegou para salvar os habitantes de um pequeno mundo, entre biliões de mundos. Quão preciosa é para Ele cada criatura. Agora, todas as falsas acusações de Lúcifer contra Ele caíram e a total bondade do

Seu carácter foi revelada perante todos. Ele triunfou claramente sobre Satanás. Todos podem compreender que o castigo de Satanás é justo.

Consumado!

O conflito entre Satanás e Cristo atingiu o apogeu durante o ministério terrestre de Cristo. No início desse ministério, Satanás congregou as suas astúcias contra Jesus, sem resultado. No final, o sinistro inimigo voltou a tentar Cristo. Ellen White salienta que na multidão que se reuniu ao redor da cruz estava uma figura sinistra, mascarada com a forma humana. Aquele que, como Lúcifer, tinha começado a rebelião no Céu, estava presente em Jerusalém no mais crucial dos momentos. Apenas podemos imaginar o que se passou entre eles quando os olhos de Cristo, na cruz, se cruzaram com os do Seu arqui-inimigo, Lúcifer. Iria Cristo, o Criador de todas as coisas, realmente levar a cabo o plano e morrer pelas Suas criaturas, ou voltaria para o Céu, para a presença do Pai? A companhia do Pai, que tinha sustido Jesus, foi retirada e o véu do pecado caiu sobre Ele, abafando-Lhe a vida.

Com o grito final “Está consumado”, a história atinge o ponto de não retorno. Ele levava a tarefa até ao fim; daquele momento em diante, a condenação de Satanás era certa. A justiça e a misericórdia abraçaram-se. Nesse momento, a nossa salvação ficou assegurada. As portas do Céu abriram-se a cada crente. Hoje, levamos a gloriosa mensagem da salvação em Cristo a todas as nações da Terra, chamando todos aos pés da cruz, onde a salvação está assegurada. A nossa mensagem é a mais maravilhosa, enviada a todos os que Lhe deram a chave do coração. É nosso privilégio dar testemunho a todos; esperando o retorno de Jesus, nosso Salvador e Senhor.

Questões para discussão

1. Como é que encontrou Jesus, o “leão” e o “cordeiro”, na sua vida? Dê exemplos.
2. De que forma prática é que os factos da Criação, Encarnação e Advento afectam a sua vida diária e as decisões que toma ou não toma? Quão imediatos e reais são estes acontecimentos para si?

George Reid é director do Instituto de Pesquisa Bíblica da Conferência Geral

Jesus, o Intercessor Celestial

A nossa fonte de confiança e esperança

GORDON JENSON

Quando Adão pecou, cedeu a Satanás o domínio que lhe fora confiado. Satanás tornou-se o príncipe deste mundo (João 14:30) e, sobre Adão e Eva, caiu a sentença de destruição. Se Adão e Eva, e com eles a raça humana, queriam vencer Satanás e o pecado, e ser restaurados ao estado de felicidade do qual tinham caído, necessitavam de um Salvador, um Mediador, um Intercessor.

No conhecimento antecipado e grande amor de Deus, esta provisão já tinha sido feita. Um plano de salvação estava incluído no pacto feito pelas Três Pessoas da Divindade, que possuíam igualmente os atributos divinos. Para erradicar o pecado e a rebelião do universo, e restaurar a harmonia e a paz, um dos Seres divinos aceitou e assumiu o papel do Pai, tomando outro o papel do Filho. O outro Ser divino, o Espírito Santo, também participaria na efectivação do plano da salvação. Tudo isto teve lugar antes do pecado e a rebelião terem ocorrido no céu.

Aceitando estes papéis que o plano implicava, os seres divinos não abdicaram de nenhum dos poderes da Divindade. No que respeitava à Sua existência eterna e outros atributos, Eles eram um e iguais. No que respeitava ao plano da salvação, porém, havia, de certo modo, uma submissão da parte do Filho para com o Pai. Isto é um mistério. Um mistério demonstrado na encarnação do Filho - totalmente Deus e totalmente homem (Filip. 2:5-7).

Esta relação Pai/Filho envolvia grandes responsabilidades e sacrifícios por parte de ambos. O Pai seria chamado a permitir que o Filho fosse humilhado; sujeito aos tormentos que Satanás, os anjos rebeldes e os homens maus podiam imaginar; chamado a testemunhar as tentações do Filho durante a Sua estada na Terra; a vê-lo sofrer e morrer, suportando o castigo pelos pecados de todas as gerações. O Filho seria designado cordeiro (1ª Pedro 1:19,20), sacerdote (Sal. 110:4) e mediador (1ª Tim. 2:5), advogado (1ª João 2:1) e intercessor (Heb. 7:25). Ainda assim, "o Filho de Deus partilhava do trono

do Pai, e a glória do Ser eterno existente por Si mesmo, rodeava a ambos." (1)

Que o templo celestial de Deus existia antes da origem do mal, está implícito na frase: "Tu eras querubim ungi-do para proteger" (Ez. 28:14). Este templo, "o verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou" (Heb. 8:2), era, desde a fundação, o centro do louvor a Deus por todos os seres inteligentes do universo. Era, também, o centro do governo de Deus. Quando o pecado surgiu no céu, e subseqüentemente na Terra, a crise teve de ser resolvida no

contexto do templo celestial. Como membro da Divindade, o Jesus pré-encarnado participou em todas as actividades dos seres divinos nos lugares santos. Ele partilhava a glória do Pai antes do mundo existir (João 17:5).

Lidar com a crise

À medida que o pecado se desenvolveu progressivamente no Céu e, mais tarde, na Terra, também o plano para lidar com esse pecado foi progressivamente revelado - os seres divinos assumiram os papéis definidos antes de serem lançadas as fundações do mundo (ver 1ª Pedro 1:20). Ao reventar a guerra no Céu (Apoc. 12:7), Miguel (o Cristo pré-encarnado) travou a batalha contra Lúcifer. Após o pecado de Adão e Eva, o mesmo Cristo pré-encarnado manifestou-Se aos Seus servos através dos séculos e enviou o Espírito Santo para

instruir, ensinar, reprovar e corrigir através dos "homens santos de Deus" (1ª Ped. 1:10, 11; 2ª Ped. 1:21).

Não podemos ignorar a intercessão celestial de Jesus ao longo do Antigo Testamento. O perdão e a purificação dos pecados, a experiência da nova criação, a ressurreição dos justos mortos para a glória, a trasladação dos justos vivos para o Céu - tudo isto foi tornado real - com base no plano da salvação prometido, embora não completamente levado à prática. Ao longo da história do Antigo Testamento, homens e mulheres fizeram a experiência da fé (Heb. 11) e experimentaram a salvação pela graça através da fé (Rom. 5:19, 20; 2ª Tim. 3:15, 16; Gal. 3:5-

Como Cristo está agora empenhado na fase final da intercessão, cabe-nos a nós procurar "fazer cada vez mais firme a (nossa) vocação e eleição"

8). Então, durante o ministério terrestre de Jesus - antes da Sua morte, ressurreição e ascensão - Ele fez a Sua oração intercessora de Sumo Sacerdote (João 17) e serviu como sacerdote no Seu próprio sacrifício no Calvário, "sendo Ele mesmo o sacerdote e a vítima".⁽²⁾ O evangelho foi anunciado e as suas provisões experimentadas durante os tempos do Antigo Testamento, assim como do Novo (Heb. 4:1, 2; 1ª Ped. 3:18-4:6; Rom. 1:1-3; Ef. 2:8-10). Evidentemente que a intercessão celestial de Jesus assumiu um significado acrescido com a Sua morte, ressurreição e ascensão. Ele tinha, agora, "alguma coisa para oferecer" (Heb. 8:3). Com a Sua ascensão, Jesus foi "entronizado em meio à adoração dos anjos. Tão logo foi esta cerimónia concluída, o Espírito Santo desceu em ricas torrentes sobre os discípulos, e Cristo foi, de facto, glorificado com aquela glória que tinha com o Pai desde toda a eternidade. O derramamento pentecostal foi uma comunicação do Céu de que a confirmação do Redentor havia sido feita. De conformidade com Sua promessa, Jesus enviara do Céu o Espírito Santo sobre Seus seguidores, em sinal de que Ele, como Sacerdote e Rei, recebera todo o poder no Céu e na Terra, tornando-Se o Ungido sobre Seu povo."⁽³⁾

Na Sua qualidade glorificada como Sacerdote e Rei, Jesus podia participar em todas as actividades dos Seres divinos no Céu. Na sua obra de Sumo sacerdote, que é fundamental para os propósitos originais do santuário celestial, Jesus levou a cabo a primeira fase do Seu ministério nesse santuário até 1844. Esta obra correspondia ao ministério dos sacerdotes, segundo a ordem de Aarão no santuário terrestre, que tinha lugar durante o ano (o ministério "diário"). Uma nova dimensão foi adicionada à intercessão de Jesus no Céu em virtude do Seu sacrifício de expiação ter sido concretizado. As provisões do plano de salvação já não chegavam aos pecadores penitentes apenas com base em promessas. As mesmas provisões que estavam à disposição dos pecadores penitentes do Antigo Testamento através da intercessão do Cordeiro-designado continuavam disponíveis aos pecadores peni-

tentes através da intercessão contínua do Cordeiro-exaltado. A partir de 1844, Cristo iniciou a fase final da Sua intercessão celestial.

Antes de 1844

Ouvimos frequentemente comentar que o dia de expiação anti-típico começou em 1844. Esta afirmação não é exacta e devia ser feita de forma mais cuidada. De certo modo, a encarnação de Cristo foi um acontecimento do dia de expiação anti-típico. "Como o sumo sacerdote punha de parte suas sumptuosas vestes pontifícias oficiava no vestuário de linho branco, do sacerdote comum, assim Cristo tomou a forma de servo, e ofereceu sacrifício, sendo Ele mesmo o sacerdote e a vítima."⁽⁴⁾

De certo modo, a morte de Jesus foi um acontecimento do dia de expiação anti-típico. Cristo era um sacrifício portador de pecados (Isa. 53:6; 1ª Ped. 2:24), o anti-tipo dos sacrifícios oferecidos ao longo dos séculos. No entanto, n'Ele e d'Ele próprio, Cristo não tinha pecado (1ª Ped. 2:22) e na Sua morte Ele foi o anti-tipo do bode pelo Senhor, sobre cuja cabeça nenhum pecado era confessado.

Em 1844, Cristo iniciou a fase final do Seu ministério intercessório celestial, tipificado na purificação do santuário terrestre pelo sumo sacerdote. Esta purificação do santuário celestial é referida na cena do julgamento em Daniel 7:9-13, 22, 26 e 8:14. Aqui, Jesus refere-Se ao julgamento do pré-Advento, ao mencionar aqueles "que forem havidos por dignos de alcançar o mundo vindouro, e a ressurreição dos mortos" (Luc. 20:35); assim como quando avisou "vigiai, pois, em todo o tempo, orando, para que sejais havidos por dignos de evitar todas estas coisas que hão-de acontecer, e de estar em pé diante do Filho do homem" (Luc. 21:36). Este "ser havidos por dignos" deve ter lugar antes da ressurreição e do aparecimento do Filho do homem. Esses serão aqueles cujos nomes estão no livro da vida:

"No cerimonial típico, somente os que tinham vindo perante Deus com confissão e arrependimento, e cujos pecados, por meio do sangue da oferta para o pecado, eram transferidos para o santuário, é que tinham parte na cerimónia

do dia da expiação. Assim, no grande dia da expiação final e do juízo de investigação, os únicos casos a serem considerados são os do povo professo de Deus."⁽⁵⁾

"O livro da vida contém os nomes de todos aqueles que já entraram para o serviço de Deus."⁽⁶⁾

A nossa parte

Embora a segunda fase do ministério celestial de Cristo tenha começado em 1844, a Sua intercessão a favor dos pecadores penitentes (o Seu ministério no primeiro compartimento) continua, tal como o ministério diário continuava no Dia da Expição do antigo Israel. Pela fé, podemos ainda receber todas as bênçãos providenciadas no grande plano da salvação.

Como Cristo está agora empenhado na fase final do Seu ministério intercessório, e como podemos usufruir dos benefícios da Sua intercessão, cabe-nos a nós procurar "fazer cada vez mais firme a [nossa] vocação e eleição" (2ª Ped. 1:10), purificando-nos "de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus" (2ª Cor. 7:1). Devemos arrepender-nos e converter-nos "de todas as [nossas] transgressões, e a [nossa] iniquidade não nos servirá de tropeço" e criar "um coração novo e um espírito novo" (Ez. 18:30, 31).

Nestas cenas finais do conflito dos séculos, homens e mulheres fiéis em todo o mundo receberão, pela actuação do Espírito Santo, as bênçãos e a graça que o nosso Sumo Sacerdote celestial nos dispensa, prestar-Lhe-ão obediência e revelarão o Espírito, o carácter e o amor de Cristo.

Questões para discussão

1. Como explicaria os papéis individuais da Divindade na salvação humana a um não Cristão?

2. Qual a importância da compreensão do ministério actual de Jesus no Lugar Santíssimo?

Gordon Jenson é presidente do Spicer Memorial College, em Pune, na Índia

Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 16
Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 38, 39
Ellen G. White, *Actos dos Apóstolos*, p. 38, 39
Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 21
Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 480
ibidem

Graça Reconciliadora

Devemos abandonar o eu e voltar-nos para Jesus

MERVYN WARREN

Ao longo de mais de três décadas de experiência no ambiente de universidades e escolas cristãs aprendi expressões incomparáveis, usadas pelos estudantes quando se encontravam em circunstâncias problemáticas. Um estudante que recebe uma nota abaixo do que esperava pode exclamar “Piedade!” ou “Tenham misericórdia de mim!”.

Embora as expressões variem e as circunstâncias difiram, uma verdade básica mantém-se constante para todos nós: se somos nascidos de homens e mulheres e tomamos parte na jornada a que se dá o nome de raça humana, a vida vai encontrar-nos, por vezes, limitados pela necessidade de uma compreensão especial. Numa palavra, a graça é a nossa única esperança.

Quem necessita da graça?

Nem todas as pessoas têm a noção da necessidade de compreensão, mas todos sabemos muito sobre a necessidade de sermos apoiados. Buscamos o reconhecimento de que as nossas realizações são suficientes em si próprias e melhores do que as dos demais.

Jesus dirige-Se a este tipo de autosuficiência na parábola de Lucas 18:9, 14. Ele descreve dois tipos de pessoas passíveis de serem encontradas na igreja num qualquer dia. Um deles é o orgulhoso membro de igreja que se gaba “Ó Deus, graças Te dou, porque não sou como os demais homens.” O segundo é o mais modesto, que ora “Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador.” Acertando em cheio num dos nossos mais correntes problemas, Jesus avisa-nos de que nos tornamos, muitas vezes, “bons demais” para Deus.

Um amigo meu era grande jogador de golfe - ele batia a bola com limpeza e fazia sempre boas pontuações. Ainda não tinha, porém, chegado ao topo de todo o seu potencial. Mas, como muitos de nós quando nos tornamos “bons” nalguma coisa, ele cometeu um erro fatal. No melhor momento do seu jogo, fez uma qualquer chamada de atenção que levou o seu professor profissional de golfe a responder: “Bem, então parece que não posso ensinar-lhe mais nada.” O resulta-

do? As lições acabaram. As proezas do meu amigo no golfe foram sendo cada vez menos até que, agora, apenas se vêem lampejos da forma brilhante como jogava no passado. Ele atingiu a zona perigosa e caiu - de bem alto.

É parecido com as nossas vidas espirituais! Quando é que aprenderemos que o nosso melhor ainda é pouco diante do padrão absoluto que Deus requer de nós? Não haverá sempre possibilidade de melhorar muito para conquistar? Mesmo durante as nossas vitórias e progressos “para o alvo, pelo prêmio da [nossa] soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Filip.3:14) devemos engolir qualquer ponta de orgulho pessoal e estar sempre prontos, pelos méritos do nosso Salvador, para nos chegarmos “com confiança, ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno” (Heb. 4:16).

O publicano não tinha nada a seu favor, a não ser a coisa mais importante.

Jesus Aponta Para o Templo

Voltemos à parábola de Lucas 18. No verso 10, Jesus coloca a acção da história no santuário: “Dois homens subiram ao templo, a orar.” Falar do templo, e não da sinagoga, é um detalhe com significado. As sinagogas eram muitas e estavam situadas nas mais variadas cidades, sendo o local onde os Judeus se encontravam para ler e explicar as Escrituras. O templo, ou santuário, contudo, era mais significativo para a liturgia e vida Judaica por ser o único local em que se sacrificavam os cordeiros - apontando profeticamente para o Calvário e para Cristo, “o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Apoc. 13:8).

Posto que o ambiente desta parábola é claramente a adoração pública no santuário, e porque não há menção de nenhuma festa, podemos concluir tratar-se do sacrifício do meio da tarde, levado a cabo diante de todos os adoradores - incluindo o fariseu e o publicano. Ambos vêm o mesmo animal a ser sacrificado e oferecido pelos seus pecados. Ambos participam do mesmo serviço de adoração. Cada um, porém, responde de forma diferente.

O Eu Face ao Santuário

O Fariseu olhou para o cordeiro sacrificial - o divino dom de Deus aos perdidos pecadores - mas em lugar de ver o seu Salvador viu apenas as suas próprias boas obras em comparação com as desgraças dos outros. O grego da expressão “estando de pé”, em Lucas 18:11, sugere que durante o serviço ele se manteve orgulhosamente, talvez de forma ostensiva, de pé, numa posição de auto-satisfação, a cabeça para trás, o nariz para cima, olhando de soslaio, as mãos na cintura, Deus no seu bolso. Então ele ora (gaba-se) e dá testemunho (auto-glorificando-se) e soa a sua fanfarras, e da sua boca saem aquelas palavras malditas: “Ó Deus, graças Te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes por semana, e dou os dízimos de tudo quanto possuo.”

Jesus oferece, então, um modelo melhor. Começando no verso 13, o tom da parábola dá uma volta completa, ao redor da palavra “porém”. “O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo ‘Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador’.”

Que contraste! Para o Fariseu, a igreja é um direito; para o publicano, é um privilégio. O Fariseu era presunçoso; o publicano tinha espírito contrito. O Fariseu tinha tudo a seu favor excepto o mais importante; o publicano tinha tudo contra excepto o mais importante. O Fariseu era muito Religioso e pouco Cristão. O publicano era pouco formal na religião mas tinha uma boa atitude Cristã.

No capítulo “Um Sinal de Grandeza”, na obra *Parábolas de Jesus*, Ellen White usa, para descrever o primeiro adorador, as expressões “louvor próprio”, “satisfação própria”, “justiça própria”, “confiança em si mesmo”, “auto-suficiência”, “auto-confiança”, “glorificação própria”, “auto-estima” e “amor ao eu”. Apenas uma frase chega para definir o segundo adorador: “renuncia ao eu”. Ambos os adoradores observaram o mesmo sacrifício quando adoravam no Templo. Um apenas viu o Eu; o outro viu o Salvador. O que é que nós vemos quando nos reunimos na casa de Deus?

Observando o Trono da Graça?

Quando o publicano ora “Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador”, está a pedir misericórdia de tipo diferente daquela que conhecemos de outros textos: “Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia” (Mat. 5:7), ou “Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou” (Ef. 2:4), ou “Cheguemo-nos, pois, com confiança, ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno” (Heb. 4:16). A palavra grega *eleos*, traduzida por “misericórdia” nestes versos, descreve uma misericórdia que usa a roupagem da simpatia, compaixão e compreensão.

O publicano, porém, de Lucas 18:13 procura algo mais profundo. Olhando para a oferta sacrificial pelos seus pecados no pátio do Templo, ele usa uma palavra diferente de *eleios*. A palavra por ele utilizada é *hilasterion*, traduzida por misericórdia por alguns, mas que, no contexto do santuário, toma o significado de “expição”. O que o publicano, na realidade, está a dizer é “Deus, faz expiação por mim!” Paulo emprega a mesma palavra em Romanos 3:24, 25: “Sendo justificados gratuitamente, pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para propiciação, [*hilasterion*] pela fé no seu sangue”. Outras versões dizem “para expiação”. A palavra usada pelo publicano também é usada por João, o Amado, quando assegura que Alguém fala em nossa defesa diante do Pai, o próprio Jesus Cristo, que é “a propiciação [*hilasterion*] pelos nossos pecados” (1ª João 2:2)-

Se levarmos esta palavra, usada pelo publicano, um pouco mais longe, descobrimos que também é aplicada pela Septuaginta (a tradução grega do Antigo Testamento) quando traduz o hebraico *kapporet*, que significa “tampa, cobertura do pacto” ou “cobertura do trono da graça”. Assim, o publicano está a buscar reconciliação e a orar, na realidade, “Ó Deus, faz expiação por mim cobrindo os meus pecados com o Teu trono da graça.”

O que é o trono da graça? Quando Deus inspirou os desenhos da arquitectura do primeiro santuário terrestre, o segundo compartimento, ou Lugar Santíssimo, devia receber a mais santa peça de mobiliário, a arca do concerto (Ex. 25:17-

22). A arca continha os dez mandamentos de Deus. “A tampa desta arca,” explica Ellen White, “era chamada trono da graça, para significar que embora a morte fosse a penalidade pela transgressão, a graça vinha, através de Jesus Cristo, perdoar ao pecador arrependido e crente. A única esperança de todo o homem está em Jesus Cristo, que trouxe o vestido da Sua justiça para colocar sobre o pecador que deseje despir as suas vestes imundas.”⁽¹⁾

Quando vamos à presença de Deus e olhamos para Jesus Cristo, não sentimos desejo de chamar a atenção para a nossa bondade, a qual, se for realmente só nossa, se desqualifica para nos salvar para o reino de Deus. Só a bondade de Cristo nos pode salvar.

“O melhor p’ra lavar o pecado?
Senão o sangue de Jesus;
O que pode fazer purificado?
Senão o sangue de Jesus;

“Essa fonte tão preciosa
Me faz branco como a luz;
Não há vida mais formosa
Senão no sangue de Jesus”.

Reconhece que é um pecador cuja vida ainda não atingiu todo o seu potencial espiritual? Recomendo-lhe a graça reconciliadora de Deus, o Seu amor ilimitado, abrangente e transformador. Aproxime-se do trono da graça e ajoelhe-se com fervor.

“P’ra cada vento ou tempestade
P’ra cada traço de maldade,
Há uma paz que a vida traça
Lá junto ao trono da graça.”

Questões para discussão

1. De que formas tem confiado nas possibilidades de ultrapassar os outros para se sentir bem consigo próprio?
2. A parábola de Lucas 18 tem uma lição clara para os Fariseus. Terá alguma para os Publicanos?
3. Especifique uma forma de atingir o seu “potencial espiritual”

Mervyn Warren é director do Departamento de Religião do Oakwood College, em Huntsville, Alabama.

Ellen G. White, *Youth's Instructor*, 18/Ago/1886

Jesus no Centro

Cenas do Santuário no Livro do Apocalipse

ADEKUNLE A. ALALADE

O livro do Apocalipse pertence ao tipo de literatura descrita como apocalíptica. É a contrapartida do Novo Testamento ao livro de Daniel.

A profecia apocalíptica oferece revelações especiais de Deus baseadas nas visões e sonhos inspirados ao profeta. O propósito principal é concentrar a nossa atenção nos acontecimentos finais da história da humanidade, quando as nações da Terra serão destruídas e o reino de Cristo estabelecido para a eternidade. Também se destina a despertar e alimentar a esperança no breve retorno de Cristo, e para inspirar uma dependência espiritual em relação a Ele, como forma de nos prepararmos para encontrar o nosso Senhor. Chamando os cristãos a dar a sua máxima atenção a este livro, Ellen White escreve: “As mensagens solenes que foram dadas no Apocalipse deveriam ocupar o primeiro lugar nas mentes do Povo de Deus. Nada mais deveria prender a nossa atenção.”⁽¹⁾ Quando nós, como um povo, compreendermos o que este livro significa para nós, “ver-se-á entre nós grande reavivamento”.⁽²⁾

*Cristo está
com a sua
igreja como
seu ministro,
sacerdote e
pastor.*

A Figura Central

No vasto período da história humana coberto pelo livro do Apocalipse, Cristo é a figura dominante. O propósito Cristocêntrico do livro é realçado em Apoc. 1:1 e 22:6. “Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer.”

O Apocalipse é o livro do Cordeiro no Seu trono. O sacrifício de Cristo é central em tudo o que Ele faz por nós, e é Ele o Senhor da igreja. Outro papel proeminente de Jesus é mostrado claramente em Apoc. 1:7, 8. Ele é o Rei que vai voltar (v. 7), “o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim”, o Senhor “que é, que era e que há-de vir” (v. 8). Cristo é aquele que vive e foi morto, vive “para todo o sempre”. Ele tem “as chaves da morte e do inferno” (v. 18).

Que maravilhosa segurança é dada aos oprimidos e abatidos! Que conforto temos em saber que o Senhor está conosco agora, independentemente da nossa condição! Que esperança recebemos ao reconhecer que um dia

Cristo vai endireitar este mundo louco para o Seu povo, voltando para recompensar de acordo com o trabalho de cada um! (Apoc. 22:12).

Não admira, pois, que João, em antecipação, exclamasse, como muitos Cristãos posteriores: “Ora vem, Senhor Jesus” (v. 20).

O santuário celestial é figura central na mensagem do Apocalipse. Vejamos quatro cenas do livro que se relacionam com a profecia e com Jesus no Seu ministério no santuário.

1. As Sete Igrejas

Antes de lhe terem sido reveladas as cartas às sete igrejas, João viu Jesus caminhando entre os castiçais do Lugar Santo. Jesus identificou os castiçais com a igreja, a qual deveria refletir a Sua luz para o mundo. Cristo está com a Sua igreja servindo como seu ministro, sacerdote e pastor, encorajando-a e purificando-a, ajudando-a a brilhar com a Sua luz pura e amorosa.

O livro do Apocalipse é, basicamente, uma carta, escrita e enviada a sete igrejas da Ásia Menor. Estas igrejas foram escolhidas porque as suas necessidades espirituais e condições

gerais representavam o estado dos vários períodos da igreja universal através da história. Cada geração de Cristãos se encontra ali e as correções, ajudas, recomendações e conselhos práticos de Cristo são apropriados para as situações de todos.

Alguns Cristãos de hoje perderam o seu primeiro amor (Éfeso, Apoc. 2:1-7). Alguns encaram tribulação e perseguição (Smirna, v. 8-11). Outros toleram erro e apostasia (Pérgamo, v. 12-17). Alguns estão em imoralidade espiritual pelo seu envolvimento com sistemas religiosos simbolizados por “Jezebel” (Tiatira, v. 18-27). Outros perderam a fé viva que opera por amor (Sardo, Apoc. 3:1-6). Alguns estão a trabalhar fielmente para Cristo ao mesmo tempo que depositaram a sua confiança no ministério intercessório de Cristo (Filadélfia, v. 7-13). Outros estão espiritualmente mornos, satisfeitos consigo próprios, perdidos e vazios (Laodiceia, v. 14-18).

Estas mensagens preciosas são para nosso aviso. Jesus

afirma em Apoc. 3:18-22: “Aconselho-te que de mim compres ouro, provado no fogo, para que te enriqueças, e vestidos brancos, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez, e que unjas os teus olhos com colírio para que vejas. (...) sê, pois, zeloso e arrepende-te. Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo.”

2. As Sete Trombetas

Na verdade, o Apocalipse é a palavra de Alguém que conhece o fim desde o princípio. O v. 3 do cap. 8 começa a profecia das sete trombetas com uma clara referência ao santuário. É uma descrição gráfica do final do ministério intercessório de Cristo e a aproximação do julgamento de Deus sobre a Terra. Os trovões, relâmpagos e tremores de terra dramatizam o fecho da provação humana.

Ellen White descreve a cena maravilhosamente: “Então vi Jesus, que havia estado a ministrar diante da arca, a qual contém os Dez Mandamentos, lançar o incensário. Levantou as mãos e com grande voz disse: ‘Está feito.’ E toda a hoste angélica tirou as suas coroas quando Jesus fez a solene declaração: ‘Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo, o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se.’”(3)

Quando a obra do julgamento do pré-Advento estiver encerrada, o teu destino e o meu terá sido decidido para vida ou morte. “Vigiai pois ... para que vindo de improviso não vos ache dormindo” (Marcos 13:35, 36).

3. A Cena do Grande Conflito

Em Apocalipse 12, o dragão levanta-se contra Deus e a Sua igreja. A “mulher” é identificada como sendo os seguidores fiéis de Deus. Nos últimos versos do capítulo é apresentado o “resto” da semente da mulher, que é amargamente perseguido pelo maligno. A questão vital é: “Quem são eles?” O que é o “testemunho de Jesus”?

O resto de Apoc. 12:17 refere-se àqueles seguidores de Cristo que restariam no final dos 1260 anos de Apoc. 13:5. Estou convencido que a mensagem da

Igreja Adventista do Sétimo Dia se aplica às especificações apresentadas nesta passagem - a de guardar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.

Outro capítulo do grande conflito entre a verdade e o erro está em Apocalipse 13 sob o simbolismo de “a besta”. A besta representa as forças satânicas que estão a pressionar para obter o respeito de todos os seres vivos. Mas o capítulo também dá a segurança de que o diabo encontrará a destruição final por virtude do sacrifício de Cristo no Calvário. A nova cena que se inicia com Apoc. 14:6 leva-nos de volta ao tempo anterior à visão descrita nos vv. 1-6. O ponto fulcral de Apoc. 14:1-5 é o grupo vencedor, não as vítimas.

Ellen White refere-se a estes vencedores como “virgens” porque possuem uma fé pura.(4)

Os vv. 6-12 do cap. 14 têm aplicação especial no período imediatamente anterior à segunda vinda de Cristo. A mensagem tripartida contida nestes versos prepara os 144.000 para o selamento final de Deus. Esta mensagem apresenta a separação final entre aqueles que aceitam e aqueles que rejeitam o chamado de Deus. É um sério apelo à adoração do verdadeiro Deus, e à reverência pelo Seu nome. Cada um de nós será um agente de Cristo para proclamar estas mensagens a todas as partes do mundo.

A terceira secção do capítulo descreve, em termos simbólicos, a colheita dos justos e dos ímpios, com a vinda de Jesus (vv. 14-20). Estas mensagens são para o nosso tempo. Dizem respeito ao povo, aos problemas, aos enganamentos e necessidades de hoje. O seu resultado é a separação do mundo - uma separação final do trigo e do joio (Mat. 13:23-30); dos cordeiros e dos bodes (Mat. 25:31-46), dos justos e dos ímpios. São mensagens que tratam de questões centrais para a humanidade. Deus está a apelar aos corações humanos à medida que o julgamento final se aproxima. É um chamado para reverência; é um chamado para a adoração leal a Cristo num tempo em que a maioria das pessoas passaram a adorar outro poder (Apoc. 13:3).

4. As Últimas Sete Pragas

Os acontecimentos de Apocalipse 15 e

16 ocorrem imediatamente antes da colheita. Descrevem um tempo de tribulação entre o fim do tempo da graça (Apoc. 22:11) e a segunda vinda do Senhor.

As sete últimas páginas são os julgamentos mais temerosos que alguma vez caíram sobre a raça humana. Vão ser derramadas sobre aqueles que declararam definitivamente a sua lealdade para com os poderes demoníacos, aqueles que voltaram as costas às verdades bíblicas e aos vários chamados de Deus para o arrependimento e a entrega.

É confortante saber que a cólera de Deus não cairá sobre uma única alma que busque refúgio em Jesus. O próprio Deus declara: “vendo eu sangue, passarei por cima de vós” (x. 12:13).

Agora é o tempo de ouvir as palavras do Altíssimo. Jesus ainda está no Santuário. Ele envia o evangelho final da hora do julgamento ao mundo com amor e misericórdia. Ele está a apelar a homens e mulheres, rapazes e raparigas, para que se voltem para Deus e se afastem do pecado. Quando o julgamento do pré-Advento se concluir, as sete últimas pragas serão derramadas, e Jesus aparecerá em glória.

A vitória final dos fiéis é certa; para o Senhor da igreja, o Cordeiro que foi morto não só é digno como capaz. As Suas promessas são certas. Ele não falha. Possa o dia do Senhor encontrar-nos sob a protecção do Todo Poderoso.

Questões para discussão

1. Se as sete igrejas do Apocalipse 2 e 3 representam a igreja em todas as épocas, a qual delas se compara a minha igreja local? Que posso fazer para melhorar a situação?

2. Se Cristo é, com efeito, o centro do livro do Apocalipse, em que é que este facto altera a forma como eu apresento o livro aos outros?

Adekunle A. Alalade é presidente e professor de religião e teologia no Seminário Adventista da África Ocidental, na Nigéria

Testimonies, vol. 8, p. 302

Testemunhos para Ministros, p. 113

Primeiros Escritos, pp. 279, 280

Parábolas de Jesus, p. 406

Cristo no Santuário

O nosso olhar devia fixar-se n'Ele

ELLEN G. WHITE

As ofertas sacrificiais foram ordenadas por Deus a fim de serem para o homem uma perpétua lembrança do seu pecado, e um reconhecimento de arrependimento do mesmo, bem como seriam uma confissão da sua fé no Redentor prometido. Destinavam-se a impressionar a raça decaída com a solene verdade de que foi o pecado que causou a morte.

Para Adão, a oferta do primeiro sacrifício foi uma cerimónia dolorosíssima. A sua mão deveria erguer-se para tirar a vida, a qual unicamente Deus podia dar. Foi a primeira vez que testemunhava a morte, e sabia que se tivesse sido obediente a Deus não teria havido morte de homem ou animal. Ao matar a inocente vítima, tremeu com o pensamento de que o seu pecado deveria derramar o sangue do imaculado Cordeiro de Deus. Esta cena deu-lhe uma intuição mais profunda e vívida da grandeza da sua transgressão, que coisa alguma a não ser a morte do amado Filho de Deus poderia expiar. ⁽¹⁾

Não somente o santuário em si mesmo, mas o ministério dos sacerdotes, deviam servir “de exemplar e sombra das coisas celestiais” (Heb. 8:5). (...) O ministério do santuário consistia em duas partes; um serviço diário e outro anual. O cerimonial diário era efectuado no altar dos holocaustos, no pátio do tabernáculo, bem como no Lugar Santo; ao passo que o serviço anual o era no Lugar Santíssimo. (...)

O culto quotidiano consistia no holocausto da manhã e da tarde, na oferta de incenso suave no altar de ouro, e nas ofertas especiais pelos pecados individuais. E também havia ofertas para os sábados, luas novas e solenidades especiais.

Toda a manhã e tarde, um cordeiro de um ano era queimado sobre o altar, com a sua apropriada oferta de manjares, simbolizando assim a consagração diária da

nação a Jeová, e a sua constante necessidade do sangue expiatório de Cristo. Deus ordenara expressamente que toda a oferta apresentada para o ritual do santuário fosse “sem mácula” (x. 12:5). (...)

Na oferta de incenso, o sacerdote era levado mais directamente à presença de Deus do que em qualquer outro acto do ministério diário. (...) O incenso que subia com as orações de Israel representa os méritos e intercessão de Cristo, Sua perfeita justiça, que pela fé é atribuída ao Seu povo, e unicamente pode tornar aceitável a Deus o culto de seres pecadores. (...)

Quando os sacerdotes, pela manhã e à tardinha, entravam no Lugar Santo à hora do incenso, o sacrifício diário estava pronto para ser oferecido sobre o altar, fora, no pátio. Esta era uma ocasião de intenso interesse para os adoradores que se reuniam junto ao tabernáculo. Antes de entrarem à presença de Deus pelo ministério do sacerdote, deviam empenhar-se em ardoroso exame de coração e confissão de pecado. Uniam-se em oração silenciosa, com o rosto voltado para o Lugar Santo. Assim, ascendiam as suas petições com a nuvem de incenso, enquanto a fé se apoderava dos méritos do Salvador prometido, prefigurado pelo sacrifício expiatório. (...)

A parte mais importante do ministério diário era o serviço efectuado em prol do indivíduo. O pecador arrependido trazia a sua oferta à porta do tabernáculo, e colocando a mão sobre a cabeça da vítima, confessava os seus pecados transferindo-os assim, figuradamente, de si para o sacrifício inocente. Pela sua própria mão era então morto o animal, e o sangue era levado pelo sacerdote ao Lugar Santo e aspergido diante do véu, atrás do qual estava a arca que continha a lei que o pecador transgredira. Por esta cerimónia, mediante o sangue, o pecado era figuradamente transferido para o

*A união da
justiça com a
misericórdia
encheu todo o
Céu de
admiração e
adoração.*

santuário. (...)

Tal era a obra que dia após dia continuava, durante o ano todo. Os pecados de Israel sendo assim transferidos para o santuário, ficavam contaminados os lugares santos, e uma obra especial se tornava necessária para sua remoção. Deus ordenara que se fizesse expiação por cada um dos compartimentos sagrados, assim como pelo altar, para o purificar “das imundícias dos filhos de Israel,” e o santificar. Levítico 16:19. (2)

O Grande Dia da Expição

Uma vez por ano, no grande Dia da Expição, o sacerdote entrava no Lugar Santíssimo para a purificação do santuário. A obra ali efectuada completava o ciclo anual do ministério. (...) Toda esta cerimónia tinha por fim impressionar os israelitas com a santidade de Deus e o Seu horror ao pecado; e, além disso, mostrar-lhes que não poderiam entrar em contacto com o pecado sem se poluir. Exigia-se que, enquanto a obra de expiação se efectuava, cada homem afligisse a alma. Todas as ocupações deviam ser postas de parte e toda a congregação de Israel passar o dia em solene humilhação diante de Deus, com oração, jejum e profundo exame do coração. Importantes verdades concernentes à expiação eram ensinadas pelo culto típico. Um substituto era aceite em lugar do pecador; mas o pecado não se cancelava pelo sangue da vítima. Provia-se, desta maneira, um meio pelo qual era transferido para o santuário. Pelo oferecimento do sangue, o pecador reconhecia a autoridade da lei, confessava a sua culpa na transgressão e exprimia o desejo de perdão pela fé num Redentor vindouro; mas não ficava ainda inteiramente livre da condenação da lei.

No Dia da Expição, o sumo sacerdote, havendo tomado uma oferta da congregação, entrava no Lugar Santíssimo com o sangue desta oferta, e o aspergia sobre o propiciatório, directamente sobre a lei, para satisfazer as suas reivindicações. Então, em carácter de mediador, tomava sobre si os

pecados e os retirava do santuário. Colocando as mãos sobre a cabeça do bode emissário, confessava todos esses pecados, transferindo-os assim, figuradamente, de si para o bode. Este os levava então, e eram considerados como para sempre separados do povo. Tal era o serviço efectuado como “exemplar e sombra das coisas celestiais.” E o que se fazia tipicamente no ministério do santuário terrestre, é feito na realidade no ministério do santuário celestial. (3)

O Santuário Celestial

O santuário do Céu, no qual Jesus ministra em nosso favor, é o grande original de que o santuário construído por Moisés foi uma cópia. (...) Os lugares santos do santuário celeste são representados pelos dois compartimentos do santuário terrestre. (...) Em visão ... o apóstolo João ... viu um anjo, “tendo um incensário de ouro; e foi-lhe dado muito incenso, para o pôr com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro, que está diante do trono.” (Apoc. 8:3) (...)

A arca que encerra as tábuas da lei encontra-se coberta pelo propiciatório, diante do qual Cristo, pelo Seu sangue, pleiteia em prol do pecador. Assim se representa a união da justiça com a misericórdia no plano da redenção humana. Somente a sabedoria infinita poderia conceber esta união, e o poder infinito realizá-la; é uma união que enche o Céu todo de admiração e adoração.

Os querubins do santuário terrestre, olhando reverentemente para o propiciatório, representam o interesse com que a hoste celestial contempla a obra da redenção. Este é o ministério da misericórdia a que os anjos desejam atentar: que Deus pode ser justo, ao mesmo tempo que justifica o pecador arrependido e renova as Suas relações com a raça decaída; que Cristo pode humilhar-Se para arguer inumeráveis multidões do abismo da ruína e vestilas com as vestes imaculadas da Sua própria justiça, a fim de se unirem aos anjos que jamais caíram e habitarem para sempre na presença de Deus. (4)

Depois da Sua ascensão, começou o nosso Salvador a obra como nosso Sumo Sacerdote. Diz Paulo: “Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém, no mesmo Céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus” (Heb. 9:24).

O ministério do sacerdote, durante todo o ano, no primeiro compartimento do santuário, “para dentro do véu” que formava a porta e separava o Lugar Santo do pátio externo, representa o ministério em que entrou Cristo ao ascender ao Céu. Era a obra do sacerdote no ministério diário, a fim de apresentar perante Deus o sangue da oferta pelo pecado, bem como o incenso que ascendia com as orações de Israel. Assim pleiteava Cristo com Seu sangue, perante o Pai, em favor dos pecadores, apresentando, também, com o precioso aroma da Sua justiça, as orações dos crentes arrependidos. Esta era a obra ministerial do primeiro compartimento do santuário celeste. (5)

A Purificação do Santuário

Que é a purificação do santuário? Que houve tal cerimónia com referência ao santuário terrestre acha-se declarado nas Escrituras do Velho Testamento. Mas poderá no Céu haver alguma coisa a ser purificada? No capítulo 9 de Hebreus, a purificação do santuário terrestre, bem como do celestial, encontra-se plenamente ensinada. “Quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão. De sorte que era bem necessário que as figuras das coisas que estão no Céu assim se purificassem [com sangue de animais]; mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios melhores do que estes” (Heb. 9:22, 23), ou seja, com o precioso sangue de Cristo. (6)

Durante dezoito séculos, este ministério continuou no primeiro compartimento do santuário. O sangue de Cristo, oferecido em favor dos crentes arrependidos, assegurava-lhes perdão e aceitação perante o Pai; contudo,

ainda permaneciam os seus pecados nos livros de registo. Como no serviço típico havia uma expiação ao fim do ano, semelhantemente, antes que se complete a obra de Cristo para redenção do homem, há também uma expiação para tirar o pecado do santuário. Este é o serviço iniciado quando terminaram os 2300 dias. Naquela ocasião, conforme fora predito pelo profeta Daniel, o nosso Sumo Sacerdote entrou no Lugar Santíssimo para efectuar a última parte da Sua solene obra - purificar o santuário.

Como antigamente eram os pecados do povo colocados, pela fé, sobre a oferta pelo pecado e, mediante o sangue desta, transferidos simbolicamente para o santuário terrestre, assim no novo concerto, os pecados dos que se arrependem são, pela fé, colocados sobre Cristo e transferidos de facto para o santuário celeste. E como a purificação típica do santuário terrestre se efectuava mediante a remoção dos pecados pelos quais se poluíra, igualmente a purificação real do santuário celeste deve efectuar-se pela remoção, ou pagamento, dos pecados que ali estão registados.

Mas antes que isso se possa cumprir, deve haver um exame dos livros de registo para determinar quem, pelo arrependimento dos pecados e fé em Cristo, tem direito aos benefícios da Sua expiação. A purificação do santuário, portanto, envolve uma investigação - um julgamento. Isto deve efectuar-se antes da vinda de Cristo para resgatar o Seu povo, pois que, quando vier, a Sua recompensa estará com Ele para dar a cada um segundo as suas obras (Apoc. 22:12).⁽⁷⁾

Conclusão

Solenes são as cenas ligadas à obra final da expiação. Momentosos, os interesses nela envolvidos. O juízo ora se realiza no santuário celestial. (...) Actualmente, mais do que em qualquer outro tempo, importa a toda a alma atender à admoestação do Salvador: "Vigiai e orai; porque não sabeis quando chegará o tempo" (Marcos 13:33). (...) "Vigiai, pois, ... para que vindo de improviso, não vos ache dormindo" (vv. 35, 36).⁽⁸⁾

Questões para Discussão

1. Pessoalmente, que aspecto do serviço do santuário terrestre lhe parece mais interessante? Porquê?
2. A ideia de um dia anti-típico de expiação traz-lhe medo ou confiança ou ambos? Como explicaria a sua reacção a este ensino?
3. Qual a forma que devemos usar ao partilhar esta mensagem com aqueles que não partilham da nossa fé?

Ellen G. White foi um dos pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A sua obra continua a ser uma voz profética no seio da igreja

¹ *Patriarcas e Profetas*, p. 64

² *idem*, p. 363-367

³ *O Grande Conflito*, pp. 417-419

⁴ *idem*, pp. 412-414

⁵ *idem*, p. 419

⁶ *idem*, p. 416

⁷ *idem*, p. 420

⁸ *idem*, pp. 490-491





A

I

II

III

IV

LEI

V

VI

VII

VIII

IX

X

Copyright 1934 by the Metropolitan Opera House, Inc.

O Santuário

Plano de Deus para nossa salvação

POR CLAIRE EVA

Nota aos Pais e Professores

Descrever o santuário do Antigo Testamento dá-nos uma imagem da salvação, posto que conta a obra maravilhosa do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Espero que recebam uma bênção tão grande quanto eu recebi ao preparar estas mensagens.

Algumas sugestões em relação a actividades a realizar em conjunto:

1. Façam um modelo do santuário. Podem, por exemplo, usar caixas de sapatos e barro, ou outros materiais.

2. Desenhem imagens do santuário. Podem ter os móveis deitados ou de pé.

3. Cozinhem pão asmo com as crianças, por turnos.

4. Acendam velas quando falarem do candelabro, ou queimem incenso quando falarem deste.

5. Usem as questões para discussão de forma a fazerem a revisão do que foi estudado. Permitam que as crianças tragam outros tópicos relacionados que possam ser discutidos.

Jesus, pecaram.

As boas notícias para Adão e Eva, e para todos nós, é que Deus tinha um plano para resolver os problemas daquela escolha mal feita. Deus sabia que Adão e Eva poderiam escolher desobedecer-Lhe. Por isso Deus, o Pai, e Deus, o Filho, fizeram um plano perfeito para salvar os Seus filhos.

Vocês lembram-se do versículo da Bíblia que diz “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu filho unigénito...” Agora que Adão e Eva tinham violado a lei de Deus, o resultado natural foi que eles e os seus filhos tinham de morrer. Mas Jesus amava-os *tanto* que se disponibilizou para tomar o lugar deles e morrer pelos seus pecados. Jesus viria viver uma vida perfeita e dar-nos-ia essa vida perfeita. Ele foi chamado o segundo Adão porque salvou aquilo que o primeiro Adão tinha perdido.

Quando Adão e Eva pecaram, o plano do sacrifício começou. Tinha de morrer um cordeiro inocente. Essa morte do cordeiro lembraria ao povo de Deus que o pecado era muito mau e fazia que um Cordeiro inocente - como Jesus - morresse pelos nossos pecados.

Já viram? Antes de terem nascido, muito tempo antes de Adão e Eva serem criados, Deus já tinha pensado num plano para nos salvar! Nós podemos viver porque Jesus morreu por nós. Jesus derramou o Seu amor sobre nós, como uma chuva. Deus realmente ama-nos, não ama?

Discussão

O que fazem quando as vossas escolhas são más e vocês pecam contra o vosso Salvador?

Jesus e Deus tinham um plano de emergência. Que plano é que vocês têm quando aparecem emergências? Têm um plano para o caso de haver

Sábado

Como Pode Deus Amar-me Tanto?

Texto para memorizar

1ª João 3:1: “Vede quão grande amor nos tem concedido o Pai; que fôsse-mos chamados filhos de Deus.”

Apanhado Numa Chuvada

No texto para memorizar aparece a palavra “concedido”. Outra palavra que podia ser usada é “derramado”. Como quando a água é derramada do céu sobre nós, numa chuvada. Já andaram à chuva?

Quando eu estava na terceira classe tinha de ir para a escola a pé. Uma tarde, quando voltava para casa, o céu começou a encher-se de nuvens escuras. Com um trovão muito grande, o céu pareceu abrir-se, deitando para cima de mim cântaros de água fria. No princípio, fiquei com pena de não ter um chapéu de chuva. Mas, como

não podia fazer mais nada, deixei a água correr pelos meus olhos e pela a minha boca. Parecia um pinto.

Foi tão bom! Estava completamente encharcada, mas muito feliz. Deus tinha-me concedido um pouco da sua criação, molhada mas maravilhosa.

Deus e Jesus tinham um plano

Aposto que não se lembram do número de vezes que já cantaram “Jesus me ama”. Mas será que *sabem* que Jesus vos ama?

Como é que se sentem quando fazem a escolha errada? Talvez tenham agarrado algo que não era vosso? Ou copiado pelo colega do lado, na escola? Ou magoado alguém com palavras ou acções menos bonitas?

Como é que os vossos pais vos tratam quando vocês fazem as escolhas erradas? Continuam a amar-vos apesar das vossas escolhas erradas?

Há muito, muito tempo, os nossos “tataravós” Adão e Eva fizeram uma escolha muito errada. Eles escolheram acreditar em Satanás em lugar de acreditar no Criador, Jesus, que os amava. Por não terem confiado em

um fogo em casa?

Actividades

Com a vossa família, estudem planos de emergência, por exemplo para um fogo ou quando alguém se magoa.

Domingo

Quão Próximo Quer Deus Estar?

Texto para memorizar

Êxodo 25:8: “E me farão um santuário, e habitarei no meio deles.”

Quão próximo de vós é que Deus deseja estar? Quando se ama alguém gosta-se de estar perto dessa pessoa.

Ainda o Carlos e o Álvaro não tinham idade suficiente para ir para a escola e já ficavam excitados quando ouviam o carro parar em frente à casa. Eles sabiam que era o pai que chegava. Eles amavam o papá e aquele era um momento feliz. Ele entrava pela porta e eles iam a correr ter com ele. Quase sempre passavam algum tempo a brincar na sala e, finalmente, sentavam-se no colo do papá para conversar com ele ou ouvir uma história.

À medida que iam ficando mais velhos, eles continuavam a gostar do tempo que passavam com o papá à hora de deitar. Ele falava-lhes do que tinha acontecido durante o dia, lia-lhes algo e orava com eles. Eles tentavam quase sempre que o papá ficasse mais um bocadinho!

E como é que vocês pensam que o papá se sentia? A verdade é que ele estava ansioso por chegar a casa. Ele gostava da forma como o Carlos e o Álvaro iam ter com ele à chegada a casa! Fazia com que ele se sentisse especial e amado. Era muito agradável passar tempo com os filhos.

Jesus - Próximo de nós

É verdade. Quando se ama alguém queremos estar perto dessa pessoa. Quando Jesus esteve na Terra, disse a

Deus “Pai, aqueles que me deste [somos nós], quero que, onde eu estiver, também, eles estejam comigo” (João 17:24).

Jesus quer estar perto de nós.

Quão perto? Na mesma conversa com Deus de que falámos antes, ele orou para que todos nós fôssemos “um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um, em nós” (v. 21). Ele também disse, “eu sou a videira, vós as varas (João 15:5). Isso significa que somos parte da mesma planta! É assim pertinho de nós que Jesus quer estar.

Quando Deus salvou os Seus filhos e os tirou do Egipto, onde viviam uma vida de escravidão, Ele disse “E me farão um santuário, e habitarei no meio deles” (Êxodo 25:8).

Estão a ver, Deus tinha estado com os filhos de Israel durante a sua viagem. Lembrem-se da coluna de nuvem que Deus mandava durante o dia? No deserto quente Deus mandava um pilar de nuvem para fazer sombra e proteger os Seus filhos do calor.

À noite, Ele mandava um pilar de fogo. Porquê? À noite o deserto pode ficar muito frio. Assim a coluna de fogo não deixava os filhos de Deus apanharem frio. Ele pensou em tudo, não foi?

E há mais! Quando chegava a hora de partir para outro local, a coluna de nuvem ia à frente deles. Sempre que a nuvem ficava no mesmo sítio, eles acampavam ali.

Mas sabem que mais? Isto não chegava para Deus. Ele pensou “Eu quero viver com eles. Quero tomar conta deles e fazer que experimentem e compreendam o Meu plano para eles. Assim, verão quanto os amo.”

O Povo construiu um Santuário

Assim, Deus pediu a Moisés que dissesse aos filhos de Israel para trazerem ofertas de materiais preciosos, como o ouro e a prata. Mas Ele só queria as ofertas que os Seus filhos trouxessem livres e felizes. E sabem o que aconteceu? O povo trouxe tantas lindas ofertas de amor que Moisés teve de lhes dizer para não trazerem mais! Como Deus deve ter ficado feliz!

Então, Deus chamou Moisés para

uma conversa na montanha e disse-lhe para fazer o santuário terrestre. Esse santuário deveria ser feito igual ao que Deus lhe mostrou.

Moisés seguiu as instruções de Deus cuidadosamente. A construção do santuário levou cerca de seis meses. Era tão bonito que não há palavras para o descrever. Mas o santuário terrestre era um pobre reflexo do santuário do Céu.

Amanhã vamos fazer uma viagem imaginária, querem? Vamos andar todos no santuário e ver os tesouros de Deus que lá estão. Juntos descobriremos mais acerca do fantástico amor de Deus por nós.

Discussão

Gostamos de passar tempo com as pessoas que amamos?

Que tipo de ofertas podemos fazer a Deus, hoje?

Que projecto para Jesus é que poderíamos fazer que fosse excitante e agradável?

Actividade

Pense numa forma de fazer um modelo do santuário. Pode usar uma caixa de sapatos e fazer os móveis e papel ou cartão. Também pode usar barro. Pode ser interessante fazer um modelo do santuário à medida que se vai estudando. Ou pode apenas fazer desenhos em papel.

Segunda

Visita aos Tesouros de Deus?

Texto para memorizar

Êxodo 25:9: “Conforme a tudo o que eu te mostrar para modelo do tabernáculo, e para modelo de todos os seus vasos, assim mesmo o fareis.”

É uma coisa especial poder ir para casa, depois da escola, acompanhado de um amigo, não é? Como é que é a primeira vez que se vai para casa na companhia de um amigo novo?

Provavelmente estamos à espera de ver onde é que ele vive. E há toda uma série de outras coisas interessantes para descobrir.

Podemos saber muito acerca de um amigo apenas olhando para o quarto dele.

O quarto da Joana tem estantes e na mesa de cabeceira estão dois livros. Ela tem uma coleção de bonecas muito bem arrumadas ao lado de móveis em miniatura.

Que podemos nós dizer da Joana olhando para o quarto dela? Que ela gosta de ler e de coisas bonitas como bonecas e casas de bonecas. E que ela se preocupa com as coisas de que gosta porque as mantém arrumadinhas.

O quarto do Nando está menos arrumado do que o da Joana, mas é fascinante. Ele tem uma caixa grande de Legos. Num dos cantos ele esteve a construir uma nave espacial. O Nando também tem um computador e programas como o "MatMágica". Também tem um programa sobre o espaço, em CD-ROM, e alguns jogos bíblicos.

Que podemos dizer sobre o Nando, olhando para o quarto dele? Ele gosta de ter as coisas umas junto das outras. Anda intrigado com o espaço e as viagens espaciais. Talvez queira vir a ser astronauta. Também podemos ver que ele gosta de matemática. Este aventureiro do espaço é Cristão, gosta de jogos da Bíblia e ama Jesus.

Os Tesouros de Deus

Da mesma forma que dissemos muito sobre a Joana e o Nando só por ver os seus quartos, também podemos dizer muito sobre Deus, apenas pelos tesouros do santuário terrestre. Vamos dar uma volta imaginária pelo tabernáculo e ver os móveis que lá estão. Amanhã veremos aquilo que estes móveis nos ensinam acerca de Deus.

O Tabernáculo

Temos de ir até ao deserto do Médio Oriente por onde passavam as pessoas. Aproximamo-nos do tabernáculo. Que tamanho é que vocês pensam que ele tinha? 16,5 metros de comprimen-

to, 5,5 metros de largura e 5,5 metros de altura. O tabernáculo podia ser desmontado porque os filhos de Israel estavam a viajar de lugar para lugar.

Primeira Aproximação

O edifício parece ser em ouro sólido a brilhar no chão do deserto. Quando nos aproximamos vemos porquê: as paredes são cobertas a ouro! Que bonito!

Olhando com mais atenção vemos que o telhado é feito com quatro conjuntos de cortinas. Entramos e olhamos para cima. (Na realidade, apenas os sacerdotes e os Levitas podiam entrar no santuário). No interior do telhado vemos linho fino de cor azul, púrpura e escarlata. Querubins, ou anjos, estão bordados com fio de ouro nas cortinas. As restantes três cortinas são feitas de pêlos de cabra, pele de carneiro tingida de vermelho e pele de texugo.

O Pátio Exterior

À medida que nos aproximamos do tabernáculo, entramos num espaço aberto chamado o pátio, rodeado por cortinas de linho fino. Estas cortinas têm metade da altura das paredes do tabernáculo, por isso as pessoas, cá fora, mesmo não podendo entrar, podem ver as paredes da tenda do tabernáculo.

Perto da entrada do pátio está um altar de cobre, usado para queimar ofertas feitas ao Senhor.

Entre o altar e a porta do tabernáculo está a pia de cobre. Uma pia é como um lavatório. Os sacerdotes usavam-na para lavar as mãos e os pés antes de servirem no altar ou entrarem no santuário.

O Lugar Santo

Passamos reverentemente através da entrada (que apontava para Este) e chegaremos ao Lugar Santo, através da primeira cortina. Agora aprendemos que o tabernáculo está dividido em duas secções, separadas por uma bela cortina. Esta cortina, tal como a da entrada, está pendurada em pilares cobertos de ouro, e é feita de

materiais azuis, púrpura e escarlata. Fios de ouro e prata dão forma a um padrão em forma de anjos.

No lado direito do Lugar Santo está a mesa dos pães da proposição, coberta de ouro puro. Cada Sábado, os sacerdotes colocam 12 novos pães em duas pilhas - 6 em cada pilha. Os pães dão ao local um cheiro agradável, visto que foram aspergidos com incenso. Os pães que são retirados, apenas podem ser comidos pelos sacerdotes. Em frente à mesa, do nosso lado esquerdo, está o candelabro de sete braços. Lindas flores de ouro decoram cada braço. O castiçal é feito de uma única peça de ouro puro! Dele vem a única luz no interior do tabernáculo. O seu brilho faz-nos ficar admirados. Depois lembramo-nos que as paredes de ouro reflectem a luz, fazendo o santuário brilhar como centenas de espelhos ao sol.

Mesmo em frente da cortina que separa o Lugar Santo do Lugar Santíssimo vemos um altar de ouro para o incenso. Aqui, o sacerdote queima o incenso cada manhã e cada tarde. Nas ocasiões especiais ele vai deitar nas pontas deste altar o sangue das ofertas pelo pecado. O incenso queimado enche os lugares santos com a sua fragrância.

Olhar o Lugar Santíssimo

A presença de Deus é uma realidade no Lugar Santíssimo. Este lugar é tão santo que só o sumo sacerdote pode lá entrar, e só uma vez por ano!

No seu interior, vemos a arca do pacto. Esta caixa é feita de madeira de acácia e coberta por dentro e por fora com ouro. Tem uma coroa de ouro por cima. A arca contém as tábuas de pedra nas quais Deus escreveu os Dez Mandamentos com o Seu próprio dedo, um recipiente com maná, a vara de Aarão que floriu e o livro da lei.

A cobertura da arca é chamada o trono da graça ou da misericórdia. É feita de uma só peça de ouro puro. Dois querubins de ouro estão em cada ponta da arca, virados um para o outro e a "olhar" reverentemente para a arca. Em cada anjo, uma asa está esticada, enquanto a outra está dobrada sobre o corpo, mostrando respeito e reverência. A cena deixa-nos cheios de

respeito.

Por cima do trono da graça está o Shekinah, a nuvem da presença de Deus. Deus comunica com o sumo sacerdote falando desde a nuvem.

Com toda esta viagem ficámos a pensar, "O que é que tudo isto significa?" Amanhã vamos falar do significado destes tesouros e daquilo que nos dizem sobre o nosso Deus.

Terça

2 + 3 + 2 = Um

Texto para memorizar

1ª Coríntios 1:30: "Mas vós sois d'Ele [Deus], em Cristo Jesus, o qual para nós foi feito, por Deus, sabedoria e justiça, e santificação, e redenção."

O Que é Uma Sombra?

Lembro-me de, quando era criança, tentar agarrar a minha sombra, no chão. Por vezes, tentava fugir-lhe. Seja como for, é uma tarefa impossível.

A Bíblia diz que o santuário terrestre é uma cópia - ou uma *sombra* - de algo maior, no Céu (Heb. 8).

Quando o povo de Israel saiu do Egito, onde tinha sido escravo, escapou a uma vida muito dura. Não tinham livros para ler, por isso passavam as histórias de pessoa em pessoa.

O santuário terrestre, dado por Deus e construído por Israel, tem sido chamado um livro de imagens. Todo o mobiliário, bem como os serviços, eram imagens de Deus para os Seus filhos. Deus usou-os como um livro para ensinar o Seu plano para nos salvar. Lembrem-se como os quartos da Joana e do Nando nos diziam coisas acerca deles? Se olharmos para o santuário de Deus na Terra, veremos o que Deus diz ao Seu povo acerca d'Ele próprio.

Ver Deus no Pátio

Ontem, ao olharmos para o pátio, reparámos na pia de metal e descrevêmo-la como o lugar onde os sacerdotes lavavam as mãos e os pés.

Porque seria que eles se lavavam? Que quer ensinar Deus com isto? Lembrem-se quando Moisés viu a sarça ardente? Ele ficou admirado quando viu que a sarça não se queimava! Deus estava naquela sarça - tal como estava na nuvem e no santuário. Na sarça ardente, Deus pediu a Moisés que tirasse as sandálias, porque estava em chão santo.

O santuário era santo, também, porque Deus estava ali. Por isso, os sacerdotes não usavam sapatos no santuário e tinham de lavar as mãos e os pés para não sujar o santo lugar. Isto mostra como Deus é santo e não gosta de coisas sujas na Sua divina presença.

Se o Altar Falasse

Imaginem se o altar pudesse falar! Poderia dizer algo como: "Todas as manhãs e todas as tardes um cordeiro é queimado em cima de mim. Este cordeiro perfeito, sem mancha, lembra aos filhos de Israel o Cordeiro perfeito que virá - o Messias, Jesus Cristo. Estas ofertas servem para mostrar que eles podem sempre depender de Jesus, o Cordeiro de Deus, para os salvar dos seus pecados."

A Mobília do Lugar Santo

Lembrem-se das três peças do Lugar Santo - a mesa dos pães, o candelabro de sete braços e o altar de incenso.

Os sacerdotes mantinham os pães na mesa, pães também chamados pães da presença por estarem sempre na presença de Deus. Porque razão eram 12 pães? O número lembra as 12 tribos de Israel, que representavam o povo de Deus. Deus dá alimento real e espiritual a *todos* os Seus filhos que dependem d'Ele.

O pão apontava para Jesus, o pão vivo, que é a presença de Deus em nós. O incenso que era queimado quando os novos pães eram trazidos para a mesa, representava a vida de Jesus, que agradava ao Pai.

Jesus disse: "Eu sou o pão da vida.; aquele que vem a mim não terá fome" (João 6:35).

As sete lâmpadas do candelabro nunca se apagavam. Isto ensina-nos que a

luz é muito importante. A luz a nos a ver o caminho. Já algum sentiram medo do escuro? Jesus "Eu sou a luz do mundo; quem segue não andaré em trevas, mas a luz da vida." (João 8:12)

Assim como o candelabro era a luz do santuário, assim Jesus é a luz do mundo. Ele é a única luz que precisamos para nos guiar. Não seremos deixados a caminhar nos escuros.

E que dizer do altar do incenso? Quando o sacerdote fazia a oferta diária de incenso, estava mais perto da presença de Deus do que em qualquer outro momento. Lembrem-se, a nuvem que tapava o Lugar Santíssimo chegava a tecto. Assim, o sacerdote que não podia entrar no Lugar Santíssimo, podia olhar através da abertura em direcção à arca. Ao ser queimado o incenso criava uma nuvem de fumo com um cheiro agradável que enchia ambos os compartimentos.

Que nos diz o incenso acerca de Deus? Sabiam que foi Deus quem deu a Moisés a receita para o incenso? É uma fórmula especial que não pode ser usada em nenhum outro lugar. Este incenso como que lembra as orações do povo a ascender a Deus. Este incenso especial representa os méritos de Cristo - a Sua perfeição e pureza. Jesus mistura a Sua vida com as nossas orações e o nosso culto. Por isso, d'Ele, o nosso culto e as nossas orações tornam-se agradáveis e aceitáveis para Deus. Precisamos de Deus para uma vida justa porque somos imperfeitos.

O Lugar Santíssimo

O Lugar Santíssimo continha o trono da graça. Quem pode contar acerca de Deus? A arca do pacto continha os Dez Mandamentos, o recipiente do maná e a vara de Aarão, que floruiu.

O maná, na arca, lembra que Deus toma conta das nossas necessidades. Deus diz: "Não te preocupes! Eu tomarei conta de ti."

A vara de Aarão lembra ao povo de Deus que Deus escolheu Aarão e a sua família para O servirem como sacerdotes. Deus diz-nos, hoje, que devemos respeitar os nossos dirigentes.

Os Dez Mandamentos na arca falamos da importância da lei de Deus - a grande regra da bondade. Deus escreveu-a com o Seu próprio dedo e deu-a a Moisés. Deus sabia que, se seguissemos a Sua lei de amor, seríamos felizes. A Sua lei é perfeita, verdadeira e santa. Ninguém pode pecar contra a lei de Deus e viver na Sua presença.

As más notícias são que todos pecamos contra Deus. As boas notícias são que a cobrir a arca está o trono da graça, ou da misericórdia. O trono da graça mostra-nos a presença de Deus e diz-nos que, por causa do sacrifício que Jesus fez uma vez, o perdão do pecado foi dado a todos os que têm pena de ter pecado.

A Bíblia diz: “Cheguemo-nos, pois, com confiança, ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno”(Heb. 4:16).

2 + 3 + 2 = Um

Estivemos a olhar para o santuário de muito perto. Que é que ele nos diz acerca de Deus. Já ouvimos da pia e do altar, no pátio, das três peças de mobília do Lugar Santo e do trono da graça do Lugar Santíssimo. Se pudéssemos ver apenas uma imagem aqui, o que veríamos? Quem é o Sacrifício, o Pão, a Luz que brilha no candelabro? Qual a vida que é representada pelo incenso suave? Quem escreveu a lei de Deus com o Seu próprio dedo e viveu perfeitamente para ti e para mim? Sim, foi Jesus, o nosso Senhor e Salvador. Tudo somado, os móveis do santuário dão como resultado Um - o único, o filho unigénito de Deus, Jesus Cristo.

O plano de Deus é tão bonito e foi levado até ao fim para ti. Temos um Amigo no trono de Deus. É isso que o santuário nos mostra.

Discussão

Consegues descrever os móveis do santuário e dizer o que representam? Com a tua família, vai partilhando o que cada um aprendeu acerca do santuário.

Quarta

Dois Cordeiros, Um Salvador

Texto para memorizar

Hebreus 10:11, 12: “E, assim, todo o sacerdote aparece cada dia, ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar os pecados; Mas este, havendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, está assentado à dextra de Deus.”

Um Bem Precioso

Já alguma vez perderam alguém ou alguma coisa de que gostassem muito? No livro *A lenda do Boné Azul*, de Tommy DePaola, lemos uma história de uma menina da tribo dos Comanches. A-Que-Vive-Só era o único membro da sua família. Os avós e os pais tinham morrido de fome, na reserva, por causa de um período muito longo de seca. O resto da tribo tinha-a adoptado. Ela tinha um bem precioso: uma boneca de tecido com penas azuis no cabelo. De acordo com a lenda, A-Que-Vive-Só ofereceu a sua boneca para salvar o seu povo.

Tens algum bem precioso? Talvez um animal ou um boneco que tens há muito tempo, ou algo que tu fizeste. Na nossa história de ontem, falámos de como o santuário e os seus serviços estão a falar de uma Pessoa - o Deus-homem, Jesus Cristo. Hoje, vamos falar um pouco mais acerca de Jesus no altar de sacrifícios, e do que isso quer dizer.

Jesus, o Sacrifício Real

Lembram-se que os sacerdotes faziam sacrifícios no altar? Além dos sacrifícios diários feitos pelos Israelitas, e outras ofertas especiais, um cordeiro de 1 ano era oferecido sobre o altar cada manhã e cada tarde. Isto mostrava que o povo de Deus dependia totalmente do precioso sacrifício de Jesus Cristo. Este cordeiro devia ser completamente sem defeito (x. 12:5). O sacerdote examinava cada animal trazido para sacrifício e recusava

aqueles que tinham defeitos. E para que apontava o cordeiro sem defeito? Sim, para a vida perfeita de Jesus e para a Sua morte por vós e por mim. Lembrem-se que, durante os acontecimentos da crucificação de Jesus, devia ter lugar a Páscoa. Jesus morreu na sexta-feira, cerca das 3 horas da tarde. Essa era a hora do sacrifício da tarde, no Templo.

Quando Jesus morreu, a escuridão cobriu a Terra. As pessoas ouviram trovões, viram relâmpagos e sentiram a terra tremer. No Templo, o sacerdote tinha acabado de levantar a mão para matar o cordeiro sobre o altar quando a terra começou a tremer. Então aconteceu algo que fez os cabelos dele ficarem em pé. Uma mão invisível rasgou a cortina que separava o Lugar Santo do Lugar Santíssimo de alto a baixo.

O atordoadado sacerdote deixou cair a faca. O cordeirinho escapou, vivo. Quase posso ouvir os vossos pensamentos. “Boa, o cordeirinho escapou.” Mas, ao mesmo tempo, outro Cordeiro morreu. E vocês sabem quem era esse Cordeiro, não sabem? Jesus. Jesus morreu no lugar do cordeirinho. Sabem, vocês e eu somos esse cordeirinho. Não quero dizer que não temos defeitos. Mas podemos viver porque o Cordeiro de Deus tomou o nosso lugar.

Quando Jesus morreu, o plano que Deus e Jesus tinha feito, há muito tempo, ficou completo. Lembrem-se, ao morrer, Jesus disse: “Está consumado!” A obra de Jesus para nos salvar estava acabada. Chamado o Segundo Adão, Jesus salvou o mundo que o primeiro Adão tinha perdido.

O Santuário, Uma Figura

Estão a ver? Deus deu o santuário por algum tempo para apontar para Jesus, o Cordeiro de Deus, que tiraria os pecados do mundo. Quando Jesus chegou, Ele tornou-Se “de uma vez por todas” o sacrifício que preenchia e terminava o serviço do santuário (Hebreus 10:10).

Deixem-me contar-vos uma história para ilustrar isto.

O pai da Bela foi para a guerra. A Bela e a família sentiram muito a falta dele. Tudo o que a Bela queria era

que o papá voltasse para casa. Quando se foi embora, o papá deu à Bela uma fotografia dele e disse-lhe “Quando olhares para a minha fotografia vais lembrar-te que eu te amo e que voltarei para estar contigo.”

A Bela gostava muito da fotografia. Finalmente, quando o dia tão esperado chegou, o papá voltou para casa e ficaram todos contentes.

Tenho uma questão para vocês. Quando o pai da Bela voltou, o que era mais importante para ela - a fotografia ou o papá? Claro que era o papá. É assim com o santuário. Quando Jesus chegou, o antigo sistema de sacrifícios acabou. Jesus era aquele para Quem apontavam todos os sacrifícios. Ele é o verdadeiro Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

Discussão

Tens algum bem precioso?

Estarias disposto a dar esse bem precioso para fazer bem a alguém que tu ames? Talvez por Jesus?

Esta semana, como é que Deus te mostrou que te amava?

Quinta

Quem Toma o Teu Lugar?

Texto para memorizar

Hebreus 7:25: “Portanto, pode também salvar, perfeitamente, os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.”

O Pobre Gato

O José era um rapaz de cabelo encaracolado que andava na segunda classe. Eu gostava do entusiasmo dele. Tinha um sentido de humor excelente e muita imaginação.

Cada manhã, no final da meditação matinal, as crianças pediam orações especiais. O José estava preocupado com o seu gato. Um cão da vizinhança andava a atacá-lo e todos orámos para que o cão parasse. Durante algum tempo, continuámos a orar pelo gato, mas o problema continuava.

Uma manhã, algumas semanas depois, o José contou-nos acerca de outro ataque ao seu amigo. A história tornou-se mais longa e feroz à medida que ele ia contando. Olhei para ele e perguntei-lhe: “José, tens *realmente* um gato?”

Ele deixou cair a cabeça, com vergonha de olhar para mim.

Vi as bocas dos colegas abrirem-se de espanto. Tínhamos orado durante semanas por um gato que *não existia*. Fiz-lhes sinal para ficarem calados e perguntei: “José, tu *gostavas* de ter um gato, não gostavas?” É que o José vivia num apartamento e naquele prédio os animais não eram autorizados. E ele queria tanto ter um.

As crianças sentaram-se em silêncio. Elas tinham entendido. Era a vez da Carla fazer a oração. No final, ela pediu “Por favor, Deus, abençoa os desejos do José. Amen.”

Eu acredito que o Espírito Santo falou ao coração dela. Ela ficou preocupada com os sentimentos do José. Podem imaginar como ele, tão envergonhado, se sentiu ao ouvir a Carla orar por ele? A Carla tomou o lugar do José.

Alguém Tomou o Teu Lugar

Já vos aconteceu estarem a passar um mau bocado e alguém de quem gostam tomar o vosso lugar? Hoje quero falar-vos de Alguém que toma o nosso lugar sempre. Que é que isto tem a ver com o santuário? Tudo. Deus deu-nos outra imagem na pessoa do sumo sacerdote do tabernáculo. Vamos falar acerca do que ele fazia e o plano de Deus para vós e para mim.

O Sumo Sacerdote, Que Roupas!

O sumo sacerdote tinha uma roupa lindíssima. Enquanto os outros sacerdotes tinham simples roupa branca de linho, a roupa do sumo sacerdote era feita de materiais caros.

O sumo sacerdote também usava uma veste de linho branco, mas colocava uma veste azul por cima. Pequenos sinos dourados e romãs feitas de fio azul, púrpura e escarlata estavam pendurados no fundo da veste azul do sacerdote.

A obra do Sumo Sacerdote

Antes do sumo sacerdote entrar no Lugar Santíssimo, no dia da Expição de cada ano, as crianças de Israel preparavam-se para o acontecimento sagrado. Limpavam o campo e passavam tempo em oração, confessando a Deus os seus pecados. Este era um dia de julgamento e de bênçãos. O sacrifício seria aceite? Os seus pecados seriam perdoados? O santuário seria purificado e limpo?

Neste dia sagrado, antes de entrar no santuário, o sumo sacerdote tirava as suas vestes ricas. Deus tinha-lhe mandado que vestisse uma túnica sagrada, de linho, que atasse uma faixa de linho à cintura e colocasse um turbante de linho na cabeça.

Tenho a certeza que o sumo sacerdote tremia quando entrava. O povo esperava e orava a Deus para que Ele os abençoasse. Eles não podiam entrar, mas seguiam o sumo sacerdote com o coração. Ouvia-se claramente o som dos sininhos, na orla do vestido. Ansiosamente, esperavam que ele saísse. Eles sabiam que se os pecados deles, ou do sumo sacerdote, não tivessem sido confessados, ele seria destruído pela glória da presença de Deus.

No dia da Expição, eles escolhiam um boi jovem e dois bodes. Primeiro, ofereciam o boi pelos pecados do sumo sacerdote e da sua família. Depois, ofereciam um dos bodes pelos pecados do povo.

Antes de levar o sangue destes sacrifícios à presença de Deus, o sumo sacerdote levava duas mãos cheias de incenso até ao Lugar Santíssimo. Também levava brasas vivas do altar para a presença de Deus. Colocava o incenso no fogo de forma a que o fumo do incenso cobrisse o trono da graça. Desta forma, a sua vida ficava protegida da glória da presença de Deus.

A seguir, o sumo sacerdote tomava o sangue do boi e salpicava a parte frontal do trono da graça sete vezes (um número perfeito). Fazia o mesmo com o sangue do bode. Quando saía do santuário, os pecados do povo tinham sido transferidos para ele, ele levava a culpa de todos.

O sumo sacerdote ia, então, até ao

altar e, salpicando-o com sangue, tornava-o puro.

Que acontecia ao outro bode? A sorte dos dois bodes ficava decidida quando o sumo sacerdote tirava à sorte qual deles iria morrer. Um era escolhido para ser oferecido como sacrifício, enquanto o outro era escolhido como bode emissário.

Depois de sair do santuário e saber que as ofertas tinham sido aceites por Deus, ele colocava as mãos sobre a cabeça do bode emissário e confessava todos os pecados dos filhos de Israel que agora estavam sobre ele. O bode era, então, levado para o deserto e abandonado. O bode emissário levava com ele todos os pecados. Que maravilha a forma como se sentia o povo. (ver *Patriarcas e Profetas*, p. 367)

Jesus Cristo, Nosso Sumo Sacerdote

Jesus é o nosso sumo sacerdote (ver o livro aos Hebreus). O que é que isto significa? Lembrem-se que o santuário é uma sombra, ou reflexão, do santuário celestial. O sumo sacerdote terreno era um reflexo de Jesus, o nosso grande sumo sacerdote. Vejamos o que Deus está a tentar dizer-nos.

As roupas caras que o sumo sacerdote usava mostram-nos a santidade do seu trabalho. O trabalho de Jesus por nós é santo e honrado por Deus. Lembrem-se das 12 pedras que havia no peitoral do sumo sacerdote? Ele usava aquelas pedras sobre o seu coração para mostrar que todas as 12 tribos eram importantes.

Acham que Jesus nos trás sobre o Seu coração? Podem acreditar que sim! Não estamos só sobre o Seu coração - estamos dentro dele.

O sumo sacerdote ia à presença de Deus, no Lugar Santíssimo. Depois da morte e ressurreição, Jesus foi à presença do Pai celeste. Em que era Ele diferente do sumo sacerdote terrestre? Jesus era o sumo sacerdote perfeito - santo, sem mancha, puro. Ele entrou num santuário maior e mais perfeito - não feito por mãos humanas mas um santuário celestial (Hebreus 7:26; 9:24).

Jesus foi à presença do Pai com o Seu

próprio sangue e não com o sangue de animais. O sumo sacerdote tinha de ir à presença de Deus todos os anos. Jesus apenas necessitou de ir uma vez, porque o Seu sangue era suficiente para perdoar o pecado e salvar todos nós para a eternidade (Hebreus 9:12; 27).

Lembrem-se que, quando Jesus morreu, a cortina que tapava o Lugar Santíssimo foi rasgada de alto a baixo? A Bíblia diz que pelo sangue de Jesus podemos passar para lá da cortina. Quando o corpo de Jesus foi massacrado por nós, quando Ele morreu na cruz, abriu-nos um caminho para nos aproximarmos de Deus. Jesus é o nosso sacrifício e o nosso sumo sacerdote (Hebreus 10:19, 20).

Jesus salva-nos completamente, se nos aproximarmos de Deus através d'Ele. Ele é a nossa porta. Ele é a nossa cortina. Ele abriu o caminho para o trono de Deus.

O nosso texto para memorizar diz que Jesus intercede por nós. Interceder significa que Jesus não somente nos representa, mas também que Ele toma o nosso lugar. Jesus é como um advogado num tribunal, enquanto nós somos os clientes. Ele é a Carla, que tomou o lugar do José! Jesus está à mão direita de Deus (que sítio bom) a tomar o nosso lugar.

Amanhã, vamos continuar a olhar para as coisas importantes da obra que Jesus está a fazer no Céu.

Discussão

Cada um deve contar acerca de um momento em que se sentiu amado por alguém.

Consegues lembrar-te de um momento em que alguém tomou o teu lugar? O que é que sentiste em relação a essa pessoa?

Sexta

Seguro em Jesus

Texto para memorizar

Hebreus 9:27, 28: “E como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo, depois disso, o juízo, assim, também, Cristo, oferecendo-se

uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação.”

O Julgamento

Sempre gostei de ler acerca de Daniel, que foi levado de sua casa para Babilónia. A bravura de Daniel admirava-me. Ao mesmo tempo que estudava e aprendia como servir na corte de um rei pagão, recusou comer o tipo de comida que se comia à mesa do rei. Ele orou a Deus quando a sua vida correu perigo. Ele seguiu a Deus sem se importar com o que isso lhe custaria. E Deus abençoou e salvou Daniel.

Quando Daniel já era muito velho, Deus deu-lhe uma visão (Daniel 8). Nessa visão Deus contou a Daniel acerca da primeira vinda de Jesus. Disse-lhe mesmo quando é que Jesus, o Messias, iria nascer. Nesta profecia, Deus também contou a Daniel sobre o julgamento final e o fim do mundo.

Daniel 8:14 diz: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.” Estes “dias”, ou anos, terminaram em 1844. Nessa altura nós acreditamos que Jesus iniciou uma obra especial de julgamento no santuário celestial.

Ontem, olhámos o dia da expiação e vimos a obra do sumo sacerdote. Por causa da sujidade dos Israelitas, o sumo sacerdote apresentava o sangue das ofertas a Deus (Levítico 16:16). Falámos de como o sumo sacerdote salpicava o sangue da oferta para “limpar” o santuário dos pecados dos Israelitas.

Vamos fazer uma revisão. No santuário celestial, quem é o nosso Sumo Sacerdote? Sim, Jesus! E quem é que tomou sobre Si os nossos pecados e morreu por eles na cruz? Jesus.

Mas, no Dia da Expição, vemos o sumo sacerdote colocar os pecados do povo sobre o bode emissário. Quem é esse bode emissário? Quem é o anjo que foi o primeiro a pecar e que tentou Adão e Eva? Sim, é Lúcifer, que agora se chama Satanás. O bode emissário representa-o a ele.

Quando o julgamento estiver acabado, Jesus vai bani-lo, e ele nunca mais nos vai incomodar.

O Ponto de Encontro

O Lugar Santíssimo tinha a arca com a santa lei de Deus. Por cima da lei estava o trono da graça. E, por cima do trono da graça, estava o Shekihah, a glória de Deus. Por que é que Deus mandou Moisés colocar a mobília do Lugar Santíssimo desta maneira?

Deus estava a ensinar que a Sua lei é santa, pura e boa, tal como Ele é santo, puro e bom. A lei não pode mudar. Se pudesse, Jesus não teria de morrer. Mas nós sabemos que Jesus morreu por vocês e por mim. Ontem, dissemos que Ele foi para o Pai, no Céu, para apresentar o Seu sacrifício a Deus por nós, tal como o sumo sacerdote fazia no Lugar Santíssimo pelo povo de Israel. E Deus aceitou o sacrifício de Jesus!

Satanás dizia que a lei de Deus não podia ser guardada. Ele dizia que a lei era injusta. Mas Jesus respeitou a lei perfeitamente e provou que Satanás estava errado.

Porquê, então, é que Deus colocou o trono da graça por cima da lei? Como é que Ele podia manter a lei e salvar pecadores como nós? Vou contar-vos uma história que mostra como é que Jesus, nosso Salvador e Advogado, trata com Satanás - o nosso acusador - no julgamento.

Josué e o Anjo

Deus deu a Zacarias, o profeta, uma visão. Nessa visão, Deus mostrou a Zacarias um sumo sacerdote chamado Josué. Josué estava diante do Anjo do Senhor, com Satanás ao seu lado, acusando-o.

Josué não estava vestido como sumo sacerdote no dia do julgamento. Estava vestido com roupa suja, diante do anjo. Essa roupa suja representava os pecados do povo, que Josué agora levava sobre si.

Satanás argumenta: “Não é justo.” Ele mostra ao Anjo os pecados do povo de Deus. E diz: “Vês? Estes pecados são a razão pela qual tu não podes salvar este povo!”

Josué não consegue defender-se, nem ao povo, dos ataques de Satanás. Ele sabe que Israel é culpado. Ele confessa os seus pecados ao Anjo. O

sumo sacerdote conta com a misericórdia de Jesus.

Então, o Anjo (que é Jesus) diz: “O Senhor te repreenda, ó Satanás; sim, o Senhor, que escolheu Jerusalém, te repreenda; não é este um tição tirado do fogo?” Depois, Jesus ordena: “Tirai-lhe os vestidos sujos”. E Jesus, olhando para Josué, diz: “Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade, e te vestirei vestidos novos” (Zac. 3:2-4). Depois, cobriu Josué com as vestes de justiça de Cristo.

Da mesma forma que Josué, nós estamos vestidos com roupas sujas pelo nosso pecado. Mas Jesus, o nosso Sumo Sacerdote, apresenta-Se diante de nós em nosso lugar. Ele venceu Satanás pelo Seu sacrifício no Calvário. É com isso que Ele nos defende. Ninguém que aceite Jesus como Senhor e Salvador pode ser levado da Sua mão.

Estar Seguro n'Ele

Outra forma de dizer que estamos vestidos com a justiça de Cristo é dizer que estamos “n'Ele”. Este termo é usado muitas vezes no Novo Testamento.

Que quer dizer “estar em Cristo”? Vamos a uma ilustração do que isto significa. Vamos necessitar de uma Bíblia e de um marca-páginas ou um pedacinho de papel. Vamos fazer de conta que a Bíblia é Jesus. Quando Deus olha para Jesus, o que é que Ele vê? O Seu Filho amado e perfeito!

Quando Deus olha para nós, o que é que Ele vê? Eu sei que Ele nos ama muito, mas nós somos pecadores.

Agora abram a Bíblia. Peguem neste pedacinho de papel (ou neste marca-páginas) e coloquem-no dentro da Bíblia, fechando-a em seguida. Quem é a Bíblia? Jesus! E quem é o papel? Eu ou tu! Quando Deus olhar para nós, desta vez, o que é que Ele vê? Jesus! Quando estamos em Cristo estamos escondidos n'Ele, como o marca-páginas está escondido no livro. Quando Deus olha para nós, apenas vê o maravilhoso Jesus.

Esta é a única forma de passar pelo julgamento. Se aceitarmos Jesus como nosso Senhor e Salvador das nossas vidas, Ele vai tomar o nosso lugar.

Ele é a nossa justiça, a nossa bondade.

Discussão e Actividade

Vê o livro de Efésios; quantas vezes é que lá está escrito “n'Ele” ou “em Cristo”?

Alguém disse que, quando usamos o vestido da bondade de Cristo, ficamos mais quentes por dentro e mais parecidos com Ele. Fala com a tua família para ver como é que isto pode acontecer.

Sábado

O Céu na Terra

Texto para memorizar

Apocalipse 21:2, 3: “E eu, João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu ... E ouvi uma voz do céu que dizia: ‘Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens. Pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus.’”

Volto Já!

O avião estava cheio de pessoas quando parou, por pouco tempo, para logo descolar e continuar a viagem. Vários passageiros entraram, para viajar até à cidade seguinte.

O meu marido, que era pastor, estava nesse avião. Reparou numa jovem mãe que entrou no avião com dois filhos. Uma das crianças ainda era bebé e tinha de ser levada ao colo. A outra era uma criança de 4 anos. Tinha cabelo louro, encaracolado e olhos azuis.

A mãe, como todas as mães que levam crianças, tinha os braços cheios. Não só levava um bebé, mas levava também um saco de fraldas e um carrinho de bebé. Por momentos, a mãe teve de se afastar das crianças para procurar onde arrumar o carrinho.

Virando-se para a criança de 4 anos, a mãe sentou-a e deu-lhe um livro. Antes de se afastar, disse à criança: “Volto já!”

Os olhos da criança seguiram a mãe ao longo do avião. Ela não estava feliz; a mãe tinha saído de perto dela.

Acham que ela passou muito tempo a olhar para o livro? Não! Ela queria saber quando a mãe voltava. Olhou ansiosamente para a entrada do avião. A mãe não demorou senão alguns minutos. Mas para aquela menina deve ter parecido uma eternidade. Podem imaginar como ela se alegrou quando a mãe reapareceu. Que reencontro! A criança ficou viva e feliz de novo. A mãe tinha prometido voltar e voltou!

O Mesmo Jesus

A história que partilhei convosco lembra-me uma história da Bíblia. Actos 1:9-11 diz que depois de Jesus falar aos discípulos, foi elevado ao Céu diante deles. Eles olharam cuidadosamente até que uma nuvem lhes tapou a vista. De repente, dois homens vestidos de branco apareceram ao lado deles.

“Varões galileus,” disseram eles, “por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que de entre vós foi recebido em cima, no céu, há-de vir, assim, como para o céu o vistes ir.” Ele vai voltar!

Da Sala do Trono de Deus

Deus deu o livro do Apocalipse através de João, o discípulo, para nos mostrar o que iria acontecer na Terra. Este livro revela Jesus. João tinha sido feito prisioneiro na ilha de Patmos, porque partilhava a palavra de Deus e seguia o seu Senhor, Jesus Cristo. Enquanto o idoso discípulo estava sentado naquela ilha solitária, Jesus deu-lhe uma visão do que ia acontecer antes de Ele voltar à Terra. No livro do Apocalipse, João conta-nos que viu a sala do trono, no Céu. Viu o trono, com Deus lá sentado. Ele viu muitos seres a adorarem a Deus. Viu, também, um Cordeiro ferido e um Leão da tribo de Judá. Os anjos ocupavam-se em levar a vontade de Deus a partir do trono de Deus.

Em Apocalipse 5, Deus tem um livro na mão direita. O livro está selado com sete selos - o número perfeito de Deus! Um anjo fala com grande voz: “Quem é digno de abrir o livro e desatar os selos?” Mas ninguém parecia poder abrir o livro (vv. 2, 3).

João chorava, porque ninguém podia abrir este livro importante. Porque pensam que ele chorava? Eu penso que João sabia que se o livro não fosse aberto por alguém digno, ele estava perdido.

Mas alguém que estava no trono disse, “Não chores! Eis aqui o Leão da tribo de Judá, a raiz de David, que venceu, para abrir o livro e desatar os sete selos:” (v. 6)

Então, em lugar de um Leão, João viu um Cordeiro, parecendo ter sido morto. E o Cordeiro estava no centro do trono. Todas as criaturas se ajoelhavam diante d’Ele e milhares e milhares de anjos rodeavam o trono e cantavam: “Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e acções de graças” (v. 12). Além disso, todas as criaturas que estão no céu, na terra, debaixo da terra e no mar” prostraram-se e adoraram (vv. 13, 14).

O Apocalipse continua a contar a história do fim dos tempos na Terra que conhecemos. Porque Jesus, o nosso Cordeiro, é digno e capaz, os selos foram abertos. Anjos poderosos são enviados do trono de Deus à Terra para completar a vontade de Deus. O povo da Terra é julgado e os filhos de Deus são salvos. Primeiro, aqueles que morreram em Cristo são levados a encontrar Jesus no ar, depois aqueles que estão vivos irão ter com Ele.

A Cidade Santa Desce

Na sua visão, João viu a Santa Cidade, onde Deus e o Seu povo vivem. Estava a descer do Céu. Um João feliz, descreve o acontecimento: “E tinha a glória de Deus; e a sua luz era semelhante a uma pedra preciosíssima, como a pedra de jaspé, como o cristal resplandecente. E tinha um grande e alto muro, com doze portas, e nas portas doze anjos, e nomes escritos sobre elas, que são os nomes das doze tribos de Israel” (Apoc. 21:11, 12).

Leiam a descrição da cidade no Apocalipse. Os fundamentos dos muros da cidade são decorados com todo o tipo de pedras preciosas. João fala das pedras pelos seus nomes indicando que são as mesmas pedras que estavam no peitoral do sumo sacer-

dote. Da mesma forma como o nosso Sumo Sacerdote nos transporta sobre o Seu coração, Ele agora envolve-nos com o Seu amor.

A Cidade Santa de que fala o versículo para memorizar ficará na Terra. O verdadeiro santuário de Deus ficará connosco para sempre!

Quando Jesus esteve na Terra orou “Pai, aqueles que me deste, quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória que me destes; porque tu me hás amado antes da fundação do mundo” (João 17:24).

Quando Jesus voltar, então O veremos cara a cara. Não haverá nada a escondê-Lo de nós. Vamos ver a Sua glória.

Entretanto

Se amamos Jesus, vamos guardar os Seus mandamentos e segui-Lo onde quer que Ele nos queira levar. SOMOS IMPORTANTES PARA ELE, e Ele quer ser importante para nós.

Vamos manter o olhar em Jesus. Deus diz que, olhando para Jesus, nos tornamos como Ele. Nada “nos poderá separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus; não porque a Ele nos apeguemos com firmeza, mas porque Ele nos segura com Sua forte mão.”⁽¹⁾ Jesus diz “Eu cedo venho!” “Oh, que bom! Por favor, volta Senhor Jesus!” (ver Apocalipse 22:20).

Claire Eva ensina a 2ª classe numa cidade do Ohio, nos Estados Unidos

¹ Ellen G. White, *Actos dos*

Depois do Túmulo Vazio

Uma Mensagem do Presidente

ROBERT S. FOLKENBERG

O tema principal desta Semana de Oração centra-se em duas verdades: a do Cristo crucificado e a do ministério de Cristo no santuário celestial. Estas duas mensagens fazem uma combinação perfeita, porque enquanto não compreendermos o santuário no contexto da cruz, não seremos capazes de compreender a verdade presente. Ao mesmo tempo, o santuário, por si, lança luz sobre a cruz. De facto, é impossível compreender um sem o outro.

O conceito de santuário é tão antigo como o próprio pecado. A adoração do verdadeiro Deus, o mesmo que adoramos hoje, começou com um altar - o primeiro "santuário" - há 6.000 anos. Ali, Deus proveu um lugar seguro onde os humanos pecadores, conscientes da sua solidão e vulnerabilidade, poderiam sentir-se renovados com as promessas de Deus.

Há milhares de anos, quando Deus libertou politicamente o Seu povo do Egípto, buscou libertá-los também espiritualmente - e fê-lo dando-lhes o sistema do santuário, o qual poderia apontar para o Salvador e a Sua obra de expiação, a qual os libertaria da culpa do pecado e das suas trágicas consequências. Com o estabelecimento dos Hebreus na Terra Prometida, o tabernáculo foi substituído por um templo permanente, que de alguma maneira foi durando até ao tempo de Jesus (não contando, é claro, a destruição de que foi alvo, por parte do exército de Babilónia).

Dos templos, aquele em que Jesus esteve era, sem dúvida, o maior de todos. No entanto, para muitos na nação hebraica, a admiração pelo Templo acabou por não lhes permitir ver o que realmente significavam os sacrifícios.

Jesus veio, entre outras coisas, restaurar a verdadeira adoração a Deus, que se perdera em formalismo e leis humanas. Embora esplêndido, o Templo de Herodes não podia salvar uma só alma. Apenas a morte d'Aquele que era indicado pelos sacrifícios do Templo podia fazê-lo.

O Ministério de Cristo Deixa Clara a Sua Missão

Embora muitos Cristãos entendam que Jesus era o Cordeiro sacrificial para quem as profecias apontavam, Deus tinha partilhado - através do ritual do santuário - maior compreensão dos Seus propósitos. Cristo, o Cordeiro de Deus, é o nosso Salvador, e a cruz torna-se o altar rústico onde o sacrifício, aquele para que todos os outros apontavam (e o único que pode trazer

expição), aconteceu há cerca de 2.000 anos. Jesus é o nosso trono da graça, o Seu sangue é o agente de purificação que afasta a culpa de cada pecador arrependido, e o Seu sangue é o símbolo da vida eterna. A Sua morte e ressurreição trazem a promessa de vida eterna para nós, promessa essa garantida por um túmulo vazio.

Se o túmulo estava vazio, porém, isso significava que Jesus tinha ido para algum lugar. O livro de Hebreus, a mais clara exposição da obra de Cristo depois da cruz, mostra não só para onde Cristo foi depois de o túmulo ficar vazio, como também diz o que Ele está a fazer. É claramente ensinado que Cristo ascendeu aos céus, onde faz intercessão por nós, apresentando o Seu sangue em nosso favor. Na conclusão do período profético de 2.300 anos de Daniel 8 e 9, Cristo iniciou a Sua intercessão celestial no Lugar Santíssimo.

Esta grande verdade dá-nos a compreensão do tempo em que vivemos e muito do ímpeto que originou o testemunho Adventista a quase todas as nações do planeta.

Ninguém deveria questionar a eficácia do sacrifício de Cristo ou o Seu direito a garantir perdão àqueles por quem pagou o preço. Esta é a glória do evangelho, da qual somos recipientes indignos, mas gratos. Jesus pagou o resgate das nossas almas. Podemos ter a certeza de que Ele voltará e receberá aqueles por quem pagou tão alto preço.

O meu desafio à nossa igreja é que se mantenha agarrada a Cristo como nosso sacrifício pessoal e sumo sacerdote. Andar assim com Ele resultará em vidas transformadas. Em lugar de olhar para os outros como objectos de crítica, deveríamos ver cada pessoa como Cristo a vê: imensamente preciosa e um candidato potencial ao reino de Deus. Como seríamos diferentes se andássemos diariamente a meditar na intercessão constante de Jesus por nós.

Espero que esta Semana de Oração possa levar-vos de novo, e mais profundamente, ao contacto com o maravilhoso Salvador, em quem depositamos a nossa confiança. Deus vos abençoe no vosso crescimento Cristão.

Sinceramente, vosso irmão

Robert S. Folkenberg é presidente da conferência geral dos Adventistas do Sétimo Dia.

EVANGELISMO VIA SATÉLITE

NET

UM MUNDO, UM ECRÃ,
UMA MENSAGEM

CONFERÊNCIAS PÚBLICAS

- Análise do mundo social, político e religioso
- Perguntas e Respostas
- Debates

MARK FINLEY, conferencista de sucesso e responsável pelo programa de televisão "ESTA ESCRITO", apresentará uma série de conferências na cidade de Orlando, Estados Unidos, que serão transmitidas simultaneamente para todo o mundo.

Para mais informações contacte a:
UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO 7º DIA
Rua Joaquim Bonifácio, 17 - Lisboa (01) 3542169

INTELSAT K - 21,5 - OESTE
(Só para receptores com sinal digital)